



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO
CURSO DE JORNALISMO

Luana Roberta Goulart

Aceleração e era digital: o conceito de periodicidade na produção científica sobre
Jornalismo no Brasil entre 2002 e 2022

Florianópolis

2024

Luana Roberta Goulart

Aceleração e era digital: o conceito de periodicidade na produção científica sobre
Jornalismo no Brasil entre 2002 e 2022

Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao curso de Jornalismo do Centro de Comunicação e Expressão da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel(a) em Jornalismo.

Orientador(a): Prof.(a) Dr.(a) Stefanie Carlan da Silveira

Florianópolis

2024

Goulart, Luana Roberta

 Aceleração e era digital : o conceito de periodicidade na produção científica sobre Jornalismo no Brasil entre 2002 e 2022 / Luana Roberta Goulart ; orientadora, Stefanie Carlan da Silveira, 2024.

 69 p.

 Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Graduação em Jornalismo, Florianópolis, 2024.

 Inclui referências.

 1. Jornalismo. 2. Periodicidade jornalística. 3. Era digital . I. Silveira, Stefanie Carlan da . II. Universidade Federal de Santa Catarina. Graduação em Jornalismo. III. Título.

Luana Roberta Goulart

Aceleração e era digital: o conceito de periodicidade na produção científica sobre Jornalismo no Brasil entre 2002 e 2022

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do título de bacharel em Jornalismo e aprovado em sua forma final pelo Curso de Jornalismo.

Florianópolis, 13 de dezembro de 2024.

Coordenação do Curso

Banca examinadora

Prof.(a) Dr.(a) Stefanie Carlan da Silveira

Orientador(a)

Prof. Dr. Samuel Pantoja Lima

Universidade Federal de Santa Catarina

Prof.(a) Dr.(a) Raquel Ritter Longhi

Universidade Federal de Santa Catarina

Florianópolis, 2024.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha mãe, Marlene, e ao meu pai, Luiz Roberto, pelo amor, carinho e cuidado incondicionais. Vocês já realizaram vários dos meus sonhos e, do sonho da graduação em uma universidade federal, foram os maiores apoiadores. Não existem palavras que possam descrever o quanto vocês dois são essenciais na minha vida.

Aos meus irmãos mais velhos, Leonardo e Lucas, por terem completado suas graduações primeiro e, assim, jogarem toda a pressão para a irmã caçula. Brincadeiras à parte, vocês dois são exemplos e inspiração para mim, cada um à sua maneira.

À orientadora deste trabalho, professora Doutora Stefanie Carlan da Silveira, por ter acreditado em mim e abraçado a proposta; por ter compartilhado parte do seu conhecimento e, principalmente, pela forma cuidadosa com que conduziu toda a nossa produção. Você foi a primeira pessoa que eu vi “renegando” a cultura do imediatismo, fato que acabou sendo uma das inspirações para o tema. Eu não poderia ter escolhido outra pessoa para a orientação deste trabalho a não ser você. De novo, obrigada.

À banca examinadora, composta pelo professor Doutor Samuel Pantoja Lima e a professora Doutora Raquel Ritter Longhi, por terem contribuições importantes ao longo da minha graduação mas, principalmente, por terem aceitado o convite de fazer parte desse momento tão especial para mim.

Às amigas nutridas ao longo desse processo. Laura Miranda, Julia Magalhães e Pedro Ordones, vocês não só transformaram essa trajetória em algo ainda mais especial, como também se tornaram exemplos de jornalistas e profissionais que me inspiram.

Por fim, agradeço à Universidade Federal de Santa Catarina, bem como a todas as pessoas que, como parte dela, atuaram de alguma forma durante essa jornada. A graduação na UFSC era um sonho nutrido desde muito nova e que agora vai, finalmente, se concretizar.

Especialmente o jornalismo em ambientes digitais se encontra atravessado pelas lógicas da cultura relacionada às tecnologias, que o reconfiguram e mexem nas suas estruturas, incidindo na produção, na distribuição e na recepção de seus produtos, bem como na periodicidade dos ciclos e nas dinâmicas mercadológicas da indústria da informação.

(Prazeres; Ratier, 2020, p. 87)

RESUMO

Instigada pela aceleração da sociedade e pelos aspectos a ela relacionados, em destaque aqueles advindos da era digital, esta pesquisa tem como objeto de estudo a discussão teórica do conceito de periodicidade jornalística em estudos científicos publicados no Brasil entre os anos de 2002 e 2022. O objetivo geral consiste em identificar como o conceito de periodicidade se transformou nos estudos de Jornalismo durante o período preestabelecido. Para alcançá-lo, faz-se uma contextualização acerca das noções de velocidade e aceleração na sociedade contemporânea. Além disso, busca-se identificar alguns dos possíveis fatores e características responsáveis pela aceleração do jornalismo, especificamente, ao longo dos anos. Por fim, propõe-se uma Revisão Bibliográfica Sistemática (RBS) como método, utilizando o portal Oasisbr, dentro do período delimitado. Durante a revisão foram definidos critérios de inclusão e exclusão da amostra, que possibilitaram, como resultados, a identificação de quais autores mais são citados na discussão do tema, tal qual a percepção sobre como a periodicidade foi conceituada ao longo dos anos.

Palavras-chave: pesquisa em jornalismo; iniciação científica; periodicidade; aceleração; era digital.

ABSTRACT

Driven by the acceleration of society and its related aspects, especially those stemming from the digital era, this research focuses on the theoretical discussion of the concept of journalistic periodicity in scientific articles published in Brazil between 2002 and 2022. The main objective is to identify how the concept of periodicity has transformed in journalism studies during the pre-established period. To achieve it, a contextualization of the notions of velocity and acceleration in contemporary society is provided. Additionally, the research aims to identify some of the possible factors and characteristics responsible for the acceleration of journalism, particularly over the years. Finally, a Systematic Literature Review (SLR) is proposed as the method, using the Oasisbr portal within the delimited period. During the review, inclusion and exclusion criteria for the sample were defined, which led to the identification of the most cited authors in the discussion of the topic, as well as an understanding of how the concept of periodicity has been approached over the years.

Keywords: journalism; periodicity; acceleration; digital age.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Passo a passo da RBS Roadmap	33
Figura 2 – Busca booleana utilizada na RBS	36
Figura 3 – Gráfico de quantidade de vezes que os termos aparecem nos textos	46
Figura 4 – Gráfico sobre a distribuição das produções ao longo dos anos	48
Figura 5 – Gráfico em relação aos autores mais citados	50

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Fontes iniciais utilizadas na contextualização do tema	35
Quadro 2 – Apresentação dos resultados obtidos com a pesquisa	38
Quadro 3 – Principais ideias apresentadas sobre periodicidade no jornalismo	40

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
2 LINHA DO TEMPO: VELOCIDADE E ACELERAÇÃO NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA.....	14
2.1 PERÍODO HISTÓRICO E ACONTECIMENTOS QUE MARCAM A ACELERAÇÃO DA SOCIEDADE.....	14
2.2 CAPITALISMO.....	16
2.3 ERA DIGITAL.....	19
3 PERIODICIDADE JORNALÍSTICA: DE PUBLICAÇÕES SEMANAIS A COBERTURAS EM “TEMPO REAL”.....	23
3.1 EVOLUÇÃO DO JORNALISMO.....	23
3.2 PERIODICIDADE NO JORNALISMO.....	28
4 MAPEAMENTO E ANÁLISES.....	32
4.1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	32
4.2 RESULTADOS OBTIDOS.....	37
4.3 ANÁLISE DOS RESULTADOS.....	52
5 CONCLUSÃO.....	57
REFERÊNCIAS.....	60
ANEXO A – Declaração de originalidade e autoria.....	68
ANEXO B – Ficha do TCC.....	69

1 INTRODUÇÃO

Em 2002, a jornalista Sylvia Moretzsohn publicou o livro de título “Jornalismo em ‘tempo real’ - O fetiche da velocidade”. Nele, a autora explica suas motivações e metodologias para desenvolver uma pesquisa que relacione jornalismo e velocidade. A autora deixa claro, logo no início, que analisará jornais impressos. Mais de 20 anos depois, com a ascensão da era digital, parece improvável pensar que “velocidade” e “jornais impressos” já foram, algum dia, relacionados. O conceito de “velocidade”, ou melhor, “periodicidade” dentro do jornalismo muda e, com ele, várias reflexões sobre “o fazer jornalístico” se tornam válidas.

De acordo com o professor e jornalista Juarez Bahia (1990), o fazer jornalístico trata-se de “apurar, reunir, selecionar e difundir notícias, ideias, acontecimentos e informações gerais com veracidade, exatidão, clareza, rapidez, de modo a conjugar o pensamento em ação”. Esse e qualquer outro conceito do “fazer jornalístico” está inserido em uma sociedade em constante mudança. É inegável que o jornalismo seja afetado pelas mudanças da sociedade em que vivemos, especialmente aquelas referentes às transformações digitais e tecnológicas e pela constante aceleração do tempo.

Segundo Ciro Marcondes Filho (1986), jornalismo e sociedade capitalista andam juntos. Conforme o autor, antigamente, o jornalismo era utilizado, entre outras finalidades, para informar sobre o andamento de mercadorias exportadas ou importadas àqueles mais interessados, normalmente membros do “circuito comercial”. Ainda sobre a adaptação do jornalismo à sociedade capitalista, as relações já datam de, pelo menos, o século XIII em diante.

No século XIII, os banqueiros e grandes comerciantes sustentavam redatores profissionais nas diferentes capitais europeias e mediterrâneas para que periodicamente lhes enviassem relatórios sobre fatos políticos, bélicos ou comerciais que pudessem afetar, positiva ou negativamente, os negócios (Dantas, 2002, p. 107).

Assim como se adapta ao mundo capitalista, o jornalismo também se adapta à velocidade com que “produtos” circulam no atual estágio do capitalismo. Este processo, obviamente, possui consequências. Alterar a velocidade da produção e veiculação jornalística pode acabar interferindo em outros aspectos da área, como a qualidade, relevância e veracidade da notícia, por exemplo. Essa rapidez atrelada aos fazeres jornalísticos tem nome já conhecido: *fast journalism*. O modelo está relacionado com a hiperinformação, a

desinformação e a infoxicação, refletindo a expansão para além do campo jornalístico e apresentando fenômenos sociais (Prazeres; Ratier, 2020).

Quando falamos da velocidade com que produções jornalísticas são publicadas, estamos falando também do conceito de periodicidade dentro do jornalismo. Nos interessa pensar e investigar como a aceleração do tempo na atualidade se mistura ao jornalismo e transforma tanto sua atuação quanto a pesquisa feita no campo. Neste trabalho, em específico, nos concentramos na última parte desta reflexão. O que nos leva ao problema de pesquisa: “Como o conceito de periodicidade se apresenta nos estudos em Jornalismo de 2002 a 2022 em trabalhos científicos brasileiros?”.

Para obter essa resposta, a pesquisa foi desenvolvida por meio de uma Revisão Bibliográfica Sistemática (RBS). Trata-se do ato de reunir, estudar, entender, analisar, resumir e avaliar trabalhos que já existem sobre um assunto específico, com o intuito de elaborar um panorama de um modelo teórico-científico consolidado (Levy; Ellis, 2006). Para busca dos estudos que compõem a amostra, foi utilizada a busca Booleana no Portal Brasileiro de Acesso Aberto à Informação Científica - Oasisbr, a partir da seguinte sequência de termos: (“periodicidade no jornalismo” OR “periodicidade de notícias” OR “periodicidade jornalística” OR “periodicidade na imprensa” OR “notícias em redes sociais” OR “noticiabilidade em redes sociais”). A busca foi feita em todos os campos (título, autor e assunto) com o recorte temporal de 2002 a 2022 e idioma português. Desta forma, foram obtidos 297 resultados e, após análise mais detalhada, 23 constarão na revisão a seguir.

A metodologia apresentada colabora para o alcance do objetivo principal, que é identificar como o conceito de periodicidade se renova nos estudos em Jornalismo durante o período preestabelecido em trabalhos científicos brasileiros. Objetivo este que se apoia em outros mais específicos, como: contextualizar velocidade e aceleração na sociedade contemporânea; identificar possíveis fatores e características responsáveis pela mudança de periodicidade dentro do jornalismo ao longo dos anos; apresentar os resultados da revisão sistemática acerca do conceito de periodicidade e discutir as constatações obtidas por meio da pesquisa.

Esta pesquisa justifica-se pelo interesse pessoal em entender os impactos que a cultura do imediatismo tem sobre a sociedade e sobre o jornalismo que se adapta a esta. Também entende-se que identificar os fatores que levaram até essa mudança e como isso pode impactar no fazer jornalístico é de suma importância e relevância. Por isso, optou-se pelo recorte de duas décadas à frente da publicação de um dos principais livros da área, no Brasil, que discute a ideia de velocidade atrelada ao jornalismo para o recorte temporal do trabalho, uma vez que

isso poderá ampliar a discussão sobre a transformação no campo em função da digitalização da sociedade. A partir dessa análise, é possível, ainda, compreender melhor elementos que fizeram com que chegássemos à forma com que produzimos conteúdo atualmente, trazendo um olhar mais crítico sobre como o jornalismo costuma se moldar às formas de consumo da sociedade atual e se conseguirá fazer isso mantendo os principais fundamentos éticos da área.

Organizamos este trabalho em três capítulos além da Introdução e Conclusão. O primeiro capítulo carrega a função de trazer um panorama geral sobre a sociedade a qual nós e o jornalismo estamos inseridos. Trata-se de uma contextualização em ordem cronológica, a qual chamamos de “Linha do tempo”. Explicamos como grandes acontecimentos históricos do mundo ocidental, entre eles a Revolução Francesa, a Revolução Industrial e a consolidação do capitalismo como sistema econômico, culminaram em uma constante aceleração no modo de vida. Terminamos esta parte falando sobre o atual momento em que vivemos, a era digital. Sobre esse período destacamos, sobretudo, as alterações e adaptações vividas por toda a sociedade.

No capítulo dois começamos a entrar, de fato, no tema da pesquisa. De início trazemos informações gerais sobre o jornalismo, tais como história e evolução. Em seguida, são apresentadas as ideias acerca de periodicidade no jornalismo, utilizando autores referência nessa discussão. Apresentamos conceitos já existentes a respeito do tema, bem como criamos hipóteses que serão refutadas ou corroboradas no desenvolvimento do capítulo seguinte.

Capítulo seguinte este que trata da apresentação do estudo e dos resultados. Tendo em mente a metodologia da revisão bibliográfica sistemática, nos baseamos em um roteiro sugerido por pesquisadores para efetuar e apresentar a pesquisa. Apontamos, de forma detalhada, todas as escolhas e caminhos tomados ao longo do processo. São evidenciadas, de forma simultânea, tanto o passo a passo quanto os resultados obtidos no processo. Ainda, esboçamos o início de algumas conclusões tiradas após a análise dos resultados da pesquisa.

Os materiais coletados e analisados ao longo da pesquisa efetuada neste trabalho propuseram esclarecimentos sobre diversas questões acerca do conceito de periodicidade no jornalismo, mas também nos levaram a uma provocação final, que é apresentada durante nossas conclusões.

2 LINHA DO TEMPO: VELOCIDADE E ACELERAÇÃO NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

Pré-História, Idade Antiga, Idade Média, Idade Moderna e Idade Contemporânea. A aceleração no modo de vida da humanidade acontece gradativamente, mas em velocidades diferentes. Considera-se que vivemos o auge dessa aceleração nas últimas décadas e, por isso, o período histórico que mais nos interessa é a Idade Contemporânea. A seguir, entenderemos o conceito histórico desta época, citando grandes marcos, como a Revolução Industrial e a ascensão do capitalismo como sistema econômico, que contribuíram para a velocidade em que ocorrem as atividades na atualidade. Ainda, as consequências dessa aceleração na sociedade e os sinais que já são visíveis. E, mais importante, como parte desta sociedade em constante aceleração, quais consequências sofre o jornalismo decorrente dessas mudanças.

2.1 PERÍODO HISTÓRICO E ACONTECIMENTOS QUE MARCAM A ACELERAÇÃO DA SOCIEDADE

A queda da Bastilha, em 1789, marca o início da Idade Contemporânea. Mais do que isso, é um acontecimento que abre as portas para um conceito até então inexistente na política mundial: revolução (Romani; Sciarretta, 2011).

A data foi a noite do 14 de julho de 1789, em Paris, quando Luís XVI recebeu do duque de La Rochefoucauld-Liancourt a notícia da queda da Bastilha, da libertação de uns poucos prisioneiros e da defecção das tropas reais frente a um ataque popular. O famoso diálogo que se travou entre o rei e seu mensageiro é muito lacônico e revelador. O rei, segundo consta, exclamou: “C’est une révolte”; e Liancourt corrigiu-o: “Non, Sire, c’est une révolution” (Arendt, p. 38, 1988).

A passos bem mais largos, a Revolução Francesa (início da Idade Contemporânea) deu início ao enfraquecimento das monarquias e fortalecimento da burguesia. Também foi palco do Iluminismo, período onde houve diversos avanços da ciência. Os avanços científicos abriram caminho para a Revolução Industrial, que, logo em seguida, consolidou o capitalismo. Aqui é importante citar que esses eventos não aconteceram de forma isolada. Ainda, vale ressaltar que todos esses acontecimentos se deram, de forma pioneira e majoritária, na Europa Ocidental, enquanto outras regiões do mundo possuíam diferentes formas de organização. Junto com a Revolução Industrial e um dos motivos da consolidação do capitalismo, ocorreu o enfraquecimento do feudalismo e a ascensão da burguesia na produção de mercadorias e na detenção de capital. O capitalismo, sistema econômico

predominante na nossa sociedade até os dias de hoje, é um dos grandes motivos da aceleração da sociedade.

Também responsável por essa aceleração, temos a Revolução Industrial, ciclo de quase 100 anos entre os séculos XVIII e XIX. Foi um momento marcado por grandes inovações tecnológicas e científicas, mudando a prevalência de economias agrárias e manufatureiras para produções mecanizadas e industriais, visto como um episódio de grande progresso durante muito tempo (Romani; Sciarretta, 2011). Nas últimas décadas, a visão popular e o senso comum em relação às indústrias já não são mais os mesmos. Anteriormente tidas como símbolo de evolução, passaram a ser relacionadas com a notável degradação do meio ambiente.

Para que possamos entender como se dá a aceleração na sociedade é importante conhecer as fases tanto do capitalismo (apresentadas no item 1.2) quanto da Revolução Industrial (apresentadas no item 1.3). Ao entender as evoluções e diferenças dentro de cada fase, é possível perceber o quanto as novas formas de organização e novas tecnologias contribuem para deixar, de modo geral, tudo mais rápido.

No caso da Revolução Industrial, esta evolui a ponto de chegar no que chamamos hoje de nova revolução industrial ou Indústria 4.0, uma fase marcada pelo crescimento da inteligência artificial (IA). Essa é uma inovação que se dá devido ao cenário onde está inserida: um mundo profundamente acelerado pela internet, que culmina em outro acontecimento de grande interesse para este trabalho: a era digital.

Os benefícios trazidos pela era digital e pela Indústria 4.0 são indiscutíveis. Apesar disso, é necessário observar essas mudanças com um olhar crítico, que permita entender quais consequências o desenvolvimento tecnológico também traz para a sociedade. É o que propõe o livro “No enxame: Perspectivas do digital”, onde o autor Byung-Chul Han traz um olhar crítico sobre o efeito das mídias digitais na sociedade.

Arrastamo-nos atrás da mídia digital, que, aquém da decisão consciente, transforma decisivamente nosso comportamento, nossa percepção, nossa sensação, nosso pensamento, nossa vida em conjunto. Embriagamo-nos hoje em dia da mídia digital, sem que possamos avaliar inteiramente as consequências dessa embriaguez. Essa cegueira e a estupidez simultânea a ela constituem a crise atual (Han, 2018, p. 10).

Numa visão geral, podemos elencar diversos fatores e momentos que contribuíram para a aceleração no modo de vida da nossa sociedade. Conforme dito anteriormente, aqui, serão analisadas duas razões que estão entre as principais: capitalismo como sistema econômico predominante e a era digital.

2.2 CAPITALISMO

Apesar de citarmos a ascensão do capitalismo logo após a queda do feudalismo, se analisarmos com mais cautela, essa troca não acontece exatamente da forma como é explicada. Isso porque, quando falamos desse jeito, parece que estamos nos referindo a uma substituição de um time de futebol: “sai o feudalismo para a entrada do capitalismo”. Tudo que é novo tem um tempo de adaptação e consolidação. Além disso, desde sua implementação até a consolidação, muitas mudanças e, até mesmo fases, marcaram a presença do capitalismo como o sistema econômico mundial predominante.

Mesmo com diversas mudanças e implementações ao longo de sua história, o capitalismo nunca se afasta dos seus princípios e objetivos iniciais; na verdade, todas as alterações são feitas em busca de otimizar sua natureza, que é um composto de várias características: centralização e concentração de capital, melhoria das tecnologias e utilização destas para amplificar as produções, diminuição do trabalho manual, valorização de novas produções para difundi-las e, principalmente, autopropagação por todos os ambientes possíveis (Mazzucchelli *apud* Proni, 1997). Formas práticas de perceber o capitalismo são o incentivo à propriedade privada, a busca pela maior quantidade de lucro possível, o trabalho assalariado, o liberalismo econômico e a divisão muito clara de classes sociais. Além disso, devido ao grande desenvolvimento tecnológico e o objetivo inalcançável por sempre produzir mais, o capitalismo também pode ser percebido de forma diretamente conectada à aceleração da sociedade. É o que explica David Harvey no seu livro “A Loucura da Razão Econômica: Marx e o Capital do Século XXI”:

Se a circulação de capital está sob imensa pressão competitiva para se acelerar, isso exige que haja também um aumento na velocidade do consumo. Eu ainda uso os talheres que eram dos meus avós. Se o capital produzisse apenas itens desse tipo, já teria afundado há muito tempo numa crise permanente. O capital desenvolve toda uma gama de táticas - da obsolescência programada à mobilização de pressões de propaganda e à moda como ferramentas de persuasão - para acelerar o tempo de rotação no consumo (Harvey, 2018, p. 195).

A partir da observação das diferentes fases que compõem a consolidação do capitalismo, é possível perceber as múltiplas formas com que o tempo e a sociedade se aceleram para dar conta deste processo. A primeira fase deste modelo, conhecida como Capitalismo Comercial é datada entre os séculos XV e XVIII, percorrendo as ações que vieram logo após o enfraquecimento do feudalismo. Nesta fase, o controle da economia era predominantemente administrado pela burguesia. Foi um período protagonizado pelas

Grandes Navegações, que abriram caminhos para lugares além da Europa, fazendo com que a maior parte das riquezas fossem obtidas por meio da exploração das colônias. Esse momento da história também marcou o aumento frenético do trabalho escravo. Por ser um período de transição e mudança, grande parte desta fase possui características tanto do capitalismo quanto do feudalismo, que podiam ser percebidas de forma simultânea. Um exemplo prático seria a implementação gradual da moeda em uma realidade onde predominava o escambo e o trabalho manual (Braudel, 1996).

A chegada da segunda fase, o Capitalismo Industrial, foi marcada pela Revolução Industrial. Situada entre os séculos XVIII e XIX, o foco aqui era o grande volume de produções, que agora eram feitas por máquinas. Nessa época, as grandes indústrias proporcionavam o trabalho assalariado, característica que marca não só a segunda fase do capitalismo, mas o sistema como um todo. As mesmas tecnologias que foram responsáveis pela criação das indústrias e aumento de produção, também serviram para desenvolver o transporte urbano, assim como o crescimento de grandes cidades. Foi um momento marcado pelo êxodo rural, já que as pessoas enxergavam nas grandes cidades uma oportunidade de conseguir mais dinheiro. Esse período também é marcado pela mudança na relação da sociedade com o meio ambiente. As grandes indústrias eram abastecidas por uma forma de combustível predominante na época, a queima de carvão mineral. Hoje, é de amplo conhecimento o tipo de malefícios causados por essa forma de energia. Os combustíveis fósseis, especialmente o carvão mineral, são responsáveis por grandes emissões de poluentes atmosféricos, como dióxido de enxofre e óxidos de nitrogênio, que contribuem para a degradação da qualidade do ar e para problemas de saúde pública. Ainda, a concentração de indivíduos nas áreas urbanas contribuiu para vários problemas sociais conhecidos até hoje, como o aumento da criminalidade, o crescimento das periferias e o grande número de pessoas em situação de rua. Todos esses aspectos já indicavam a desigualdade social, que ficou ainda mais evidente com a chegada da terceira fase do capitalismo (Braudel, 1996).

O Capitalismo Financeiro surgiu no final do século XIX mas, segundo alguns historiadores, só ganhou força, de fato, depois da Primeira Guerra Mundial. Sua principal característica é a centralização do dinheiro em instituições bancárias e em grandes empresas, o que facilitou o surgimento de monopólios. Também é um período marcado pela criação do mercado de ações, que possibilitou às empresas fazerem planos que seriam lucrativos em longo prazo. Assim, dedicavam seu tempo e dinheiro em ideias inovadoras enquanto investidores financiavam grande parte dos gastos. Essas empresas que se tornaram monopólios passaram a ter, posteriormente, influência política em várias regiões do mundo.

Para além das grandes empresas e monopólios, o capitalismo financeiro é, em suma, um modelo que favorece a concentração de riqueza, evidenciando ainda mais uma sociedade desigual (Stiglitz, 2013).

Até chegarmos na quarta e atual fase, o Capitalismo Informacional ou Capitalismo de Vigilância (Zuboff, 2021). Com início no final do século XX, esta fase se dá, principalmente, devido ao progresso da globalização. Progresso este que ocorreu, boa parte graças aos avanços tecnológicos e a chegada da era digital. As principais características desta fase são: utilização exorbitante da tecnologia na maioria dos âmbitos da sociedade, facilidade de divulgação de conhecimento e informação e a aceleração de fluxos que envolvem pessoas, mercadorias, capital e informação. É um período que se difere dos outros, principalmente, pela mudança na prioridade de produções e formas de conseguir capital. Isso porque, a nova estrutura nesta fase do capitalismo não centraliza o foco somente em possuir capital físico, mas em controlar os fluxos de informação, mudando a influência dos governos e grandes empresas (Castells, 2006). Em termos gerais, é a era onde informação é poder. Quando falamos de informação, vamos além do sentido da palavra que remete a notícias, acontecimentos e situações de direito público de conhecimento. A informação aqui diz respeito a qualquer tipo de conhecimento ou dado que pode ser utilizado com a finalidade de obter poder ou lucro.

Um exemplo prático do que estamos tentando dizer pode ser visto no documentário “Privacidade Hackeada”. Lançado em 2019, a produção mostra como a empresa *Cambridge Analytica* acessou milhões de dados pessoais de usuários do Facebook, em grande parte, sem consentimento deles, para traçar perfis psicológicos. Com essas informações foi possível identificar pessoas que eram mais suscetíveis a acreditarem em teorias da conspiração e notícias falsas. Com os alvos identificados, foi feito um trabalho de bombardeio de *fake news*¹ nas redes sociais desses indivíduos. Todo esse movimento teve grande influência tanto na eleição presidencial dos Estados Unidos, em 2016, quanto no referendo do *Brexit*, no Reino Unido. Ainda, investigações posteriores identificaram movimentos semelhantes, feitos por outras empresas, durante eleições em várias regiões do mundo, incluindo o Brasil. Apesar do

¹ *Fake news* (ou “notícias falsas”, em português) é uma expressão utilizada para indicar informações forjadas ou distorcidas, apresentadas como se fossem verdadeiras, com roupagem jornalística e com o objetivo de enganar o público, manipular opiniões ou gerar impactos negativos. Essas peças de desinformação podem ser espalhadas intencionalmente através de diversos meios, como redes sociais, sites de notícias e aplicativos de mensagens, muitas vezes com o propósito de influenciar decisões políticas, econômicas ou sociais. O termo ganhou destaque especialmente com o aumento do uso da internet e das plataformas digitais, onde a velocidade de disseminação e a falta de verificação adequada facilitam a propagação de desinformação (Wardle e Derakhshan, 2023).

crime de vazamento de dados que ocorreu nessa ocasião, o documentário mostra, sobretudo, o poder e influência atrelados a quem detém esses tipos de dados.

Entender um pouco sobre a Revolução Industrial e o desenvolvimento do capitalismo é fundamental para o nosso estudo. Isso porque, esses são acontecimentos que estão diretamente ligados com a aceleração da sociedade. Perceba que nesta linha do tempo, tudo sempre evolui para que algo se torne mais rápido. A transição do feudalismo para o capitalismo comercial, período das grandes navegações, tornou mais rápidas as expansões dos impérios. Na mudança do capitalismo comercial para o capitalismo industrial, a principal aceleração foi em relação à produção de mercadorias. Quando falamos do capitalismo financeiro, é possível perceber a velocidade na transação e distribuição de capital (Harvey, 1992). As contínuas transições do capitalismo são acompanhadas por uma redefinição das relações entre tempo e espaço, com efeitos profundos sobre a forma das cidades e a vida cotidiana. Desejo sugerir que temos vivido nas duas últimas décadas uma intensa fase de compressão do tempo-espaço que tem tido um impacto desorientado e disruptivo sobre as práticas político-econômicas, sobre o equilíbrio do poder de classe, bem como sobre a vida social e cultural (Harvey, 1992, p. 257).

Por fim, no capitalismo informacional, devido à expansão da globalização, todos os fluxos se intensificam, especialmente o fluxo de informação. Movimento que está relacionado com outro grande evento que vivemos de forma simultânea a este, ainda nos dias atuais: a era digital.

2.3 ERA DIGITAL

Afinal, por que esse período contemporâneo relacionado aos avanços tecnológicos, digitais e da informação é tão importante aqui? Na verdade, não só aqui, mas no estudo de qualquer fenômeno da atualidade, a era digital é de suma importância e, direta ou indiretamente, certamente estará envolvida no assunto. Dizemos isso porque as características desse momento histórico estão presentes em todos os aspectos da nossa vida como sociedade. Ele trouxe mudanças na forma como vivemos, como trabalhamos e como nos relacionamos. As mudanças se fazem ainda mais presentes nos nossos modelos de produção e consumo, a se notar no ramo de negócios e vendas, governo, educação, comunicação, saúde, meio ambiente, transporte e demais pilares da sociedade (Rodrigues; Bechara; Grubba, 2020).

Anteriormente, vimos um pouco sobre a Revolução Industrial e o capitalismo. Dentre os aspectos em comum desses dois momentos, está o fato de que, assim como o capitalismo, a

Revolução Industrial também possui as suas fases. Em resumo, ao longo da história existiram as chamadas indústria 1.0, caracterizada pelo ferro, máquinas a vapor e queima de carvão; indústria 2.0, com produções em massa e utilização do petróleo e da eletricidade; indústria 3.0, onde surgiram os computadores, equipamentos eletrônicos e a internet; e a indústria 4.0 (atual), que deu espaço para sistemas cibernéticos, armazenamento na nuvem, nanotecnologia e inteligência artificial (IA) (Rodrigues; Bechara; Grubba, 2020). Desta forma, a evolução e o desenvolvimento das múltiplas fases de diferentes Revoluções Industriais têm expressiva participação aqui, já que foram responsáveis pelo surgimento da era digital.

Outro ponto que não pode deixar de ser citado é a criação da internet. Para muitos estudiosos a era digital só ganha forma, de fato, após a ascensão da rede. E aqui, mais uma vez, existe a influência de um acontecimento histórico, a Guerra Fria. Durante o seu auge, no final dos anos 1950, os Estados Unidos e a União Soviética estavam em um conflito que envolvia divergências ideológicas, além de questões políticas, econômicas e tecnológicas. Apesar de já estarem na era da informação e da comunicação, os principais meios ainda eram o telefone e o telégrafo, enquanto os computadores serviam para armazenar informações e fazer cálculos. Na intenção de proteger um dos seus bens mais preciosos, que eram justamente as informações e comunicações que obtinham, os Estados Unidos começaram a construir o que conhecemos hoje como internet. Um passo importante foi a criação da DARPA (Defense Advanced Research Projects Agency; em português: Agência de Projetos de Pesquisa Avançada de Defesa). O local era uma agência focada em pesquisa e desenvolvimento de novas tecnologias, principalmente relacionadas a redes de computadores. Foi dentro dela que surgiram os planos de criar a ARPANET, rede de comutação de pacotes que ficou amplamente conhecida em 1969, quando computadores de duas diferentes universidades dos Estados Unidos se conectaram. Pode-se dizer que depois disso, internet, tecnologias e o mundo digital só se desenvolveram mais e mais.

Como parte da sociedade e, portanto, mutável para se adaptar a ela, a Comunicação (aqui com foco no Jornalismo) também passou por mudanças. Mudanças essas que, assim como o nosso modo de vida, tornaram-na mais rápida. Por exemplo, uma forma clara de enxergar a evolução e aceleração dentro do Jornalismo é entender que passamos pela prensa de Gutenberg (importante evolução tecnológica do ramo) e chegamos ao “minuto a minuto”, bastante utilizado em coberturas em sites e redes sociais. A notável velocidade traz consigo pontos positivos. Um elemento de bastante valorização da sociedade é a oportunidade de conhecimento imediato dos acontecimentos diários, criando uma relação de interesse e de aproximação entre o público e os meios de comunicação (Kovach; Rosenstiel, 2018). Mas

essa agilidade também traz desafios e problemas. Tanto para se adaptar às lógicas da sociedade quanto às lógicas das redes sociais, a prioridade em disseminar notícias com o máximo de rapidez possível acaba sofrendo prejuízos na análise e verificação dos fatos (Van Dijk, 2014).

Esses e outros fatores são responsáveis por um dos maiores problemas do campo na atualidade, a propagação de informações falsas, as *fake news*. Elas têm significativa ligação com o Jornalismo e ganharam força, principalmente, devido às transformações na Comunicação, que fortaleceram ambientes propícios onde a velocidade na disseminação de notícias é mais importante do que a verificação dos fatos, criando um cenário de descredibilização dos meios jornalísticos (Castells, 2000). Apesar disso, a propagação de notícias falsas não é uma questão que diz respeito somente ao âmbito jornalístico. A digitalização permite que qualquer pessoa crie conteúdos que podem (e vão) ser compartilhados por dezenas, centenas, milhares de pessoas. Agrava ainda mais a situação quando consideramos que os algoritmos de plataformas digitais, como o antigo Twitter (agora X), Facebook e YouTube, ao impulsionarem conteúdos que geram mais engajamento, na maior parte do tempo estão impulsionando informações falsas e sensacionalistas, o que resulta em uma aceleração da desinformação (Tufekci, 2017). Esse fato resgata uma discussão já existente sobre a falta de regulamentação das mídias digitais.

De novo, a era digital se faz bem presente, já que cria um ambiente de fácil divulgação de qualquer tipo de informação. Quando falamos de qualquer tipo, informações falsas estão inclusas e, mais do que isso, normalmente são elas as divulgadas com mais agilidade, especialmente em momentos de crise, impactando diretamente a esfera pública (Tufekci, 2017). Como exemplo do que Tufekci ressalta, temos o cenário da pandemia de COVID-19, uma crise global que acelerou a propagação de *fake news*, principalmente com relação à saúde. Aqui, não só o fator “crise” foi fundamental, mas também o fato de ser uma pandemia, que obrigou o isolamento social por algum tempo. Isoladas e sem muito o que fazer, as pessoas intensificaram o uso das redes sociais, principal meio de disseminação de informações falsas.

Ainda, durante o período de pandemia, foi possível reparar uma crescente em outros fenômenos relacionados à era digital e ao consumo excessivo de redes sociais. Um deles é a Síndrome de FOMO (*Fear of missing out*, ou “medo de ficar de fora”, em português). Essa é uma condição que, como o nome já diz, trata-se do medo de perder algo, não estar por dentro de tudo e se sentir excluído (Turkle, 2011). A falta de interação física durante o isolamento social foi, certamente, um agravante desses casos. Mas não só isso, a quantidade de conteúdos

e informações publicados diariamente nas redes sociais também possui grande impacto aqui. Independente do momento e da veracidade dos fatos, a velocidade com que lançamentos de produtos são feitos atualmente torna humanamente impossível a realidade de acompanhar tudo que está acontecendo, fator que propicia as crises de FOMO.

A necessidade de receber informações o mais rápido possível, o modelo de produção e consumo desenfreados e demais aspectos da era digital culminam em um estilo de vida bastante presente atualmente: a cultura do imediatismo. Nada mais é do que a ânsia por resultados, respostas ou prazeres imediatos, dispensando longas ponderações e aprofundamento do pensamento ou conhecimento. De forma prática, elementos deste modo de vida podem ser notados nas seguintes atitudes: consumo rápido de conteúdos, como os vídeos no TikTok e os *Reels* do Instagram; utilização de mensagens instantâneas e, para além disso, a necessidade que a pessoa do outro lado responda o mais rápido possível; compras online que, muitas vezes, acontecem por impulso; costume de ser multitarefas, que dá a sensação de agilidade na resolução de problemas, mas dificuldade em completá-las com alto desempenho; e, devido a quantidade de estímulos e a correria do dia a dia, os hábitos atrelados à cultura do imediatismo também carregam consigo grande potencial de geração de estresse e ansiedade. De acordo com Lanier (2018), o próprio design das redes sociais gera uma busca constante por novidades e validação, o que contribui para a cultura do imediatismo e o consumo rápido e impulsivo de conteúdo.

Quando falamos em velocidade e aceleração também relacionamos esses termos ao jornalismo e ao fazer jornalístico. É impossível não pensar na frequência com que eram publicadas as matérias ou notícias, há 30 anos e hoje. Onde antes prevaleciam as edições impressas de jornais e revistas, hoje vivemos em uma realidade onde esse tipo de veiculação foi quase extinta. O modelo impresso abriu espaço para a visualização digitalizada, grande parte em dispositivos móveis. O novo formato permite publicações em qualquer dia e horário, sem precisar esperar pela próxima edição impressa. Isso aumenta, conseqüentemente, a velocidade e a frequência com que notícias passam a ser divulgadas. A palavra mais adequada aqui é “periodicidade”. Afinal, como a periodicidade dentro do jornalismo acompanhou a celeridade da sociedade?

3 PERIODICIDADE JORNALÍSTICA: DE PUBLICAÇÕES SEMANAIS A COBERTURAS EM “TEMPO REAL”

Para entender o conceito de periodicidade dentro do jornalismo é importante, mesmo que brevemente, entendermos a história desta profissão e como ela evoluiu até chegar no formato que conhecemos atualmente. Em seguida, apresentaremos o significado da palavra segundo o dicionário e as principais ideias de autores que estudam e falam sobre a periodicidade jornalística. Ainda, após analisar história, evolução e o ritmo do fazer jornalístico, discutiremos sobre os impactos e a relação das transformações da profissão na frequência com que materiais jornalísticos são veiculados.

3.1 EVOLUÇÃO DO JORNALISMO

Analisar um objeto ao decorrer do tempo é fundamental para refletir sobre aspectos que, sem contextualização, tornam mais complexa a compreensão do assunto. O entendimento sobre periodicidade dentro do jornalismo (nosso objeto de estudo) não seria o mesmo sem antes conhecermos, mesmo que de forma resumida, aspectos da história do jornalismo.

Mas antes, o que é jornalismo? Uma das principais divergências que há em relação ao conceito de jornalismo apresentado por diferentes autores é que alguns o consideram uma atividade prática enquanto outros o enxergam como uma forma de conhecimento. Como exemplo desses diferentes olhares podemos citar os autores Bill Kovach e Tom Rosenstiel (2001), que entendem o jornalismo como a prática de apurar, verificar e comunicar informações que sejam relevantes e verdadeiras. Eles ainda abordam a relação e confiança do público como um dos aspectos mais importantes dentro do jornalismo.

Kovach e Rosenstiel não estão sozinhos nessa. Na verdade, esse é um pensamento bem antigo, bastante influenciado pela ciência positivista, que considera desqualificados os métodos de apuração jornalística e, por isso, contribuiu para a prevaricação do saber. Quem traz esse olhar de forma mais conhecida é o austríaco Karl Kraus.

O que a sífilis poupou será devastado pela imprensa. Com o amolecimento cerebral do futuro, a causa não poderá mais ser determinada com segurança.(...) A imagem de que um jornalista escreve tão bem sobre uma nova ópera como sobre um novo regulamento parlamentar tem algo de acabrunhante. Seguramente, ele também poderia ensinar um bacteriologista, um astrônomo e até mesmo um padre. E se viesse a encontrar um especialista em matemática superior, lhe provaria que se sente em casa numa matemática ainda mais superior (Kraus *apud* Meditsch, 1998, p.3).

Essa visão influenciou diversos intelectuais, incluindo os fundadores da Escola de Frankfurt que, com pequenas ressalvas, seguiram com a mesma perspectiva de Kraus em relação ao jornalismo (Meditsch, 1998). No entanto, o conceito de jornalismo não configura uma dicotomia. Isso porque, para alguns estudiosos, o fazer jornalístico é justamente o meio termo entre prática e conhecimento. É como enxerga o sociólogo Robert Park (1940) que, com influências da filosofia pragmática de William James, entende que existem várias formas de conhecimento e, por isso, o jornalismo deve ser enxergado a partir de suas singularidades (Meditsch, 1998).

Contrapondo as discussões acerca da visão do jornalismo apenas como uma prática, Adelmo Genro Filho (1987) se baseia na característica de que o jornalismo busca o real e imediato, o que configura uma forma de conhecimento. Para fortalecer o seu argumento, ele também utiliza a lógica de Hegel (1992) de que todo conceito se baseia em três pilares: universalidade, particularidade e singularidade. Desta forma, Genro Filho conclui que o critério de noticiabilidade utilizado por jornalistas está plenamente ligado com a singularidade do evento. É justamente a habilidade de identificar o singular dos acontecimentos que diferencia o saber jornalístico dos demais saberes.

Eduardo Meditsch (1998) se aprofundou mais nesta questão e, para além de analisar os conceitos sugeridos por jornalistas, buscou observar os prós e contras do jornalismo como forma de conhecimento mediante estudos nas áreas da epistemologia, teoria do discurso, sociologia do conhecimento e psicologia da cognição. Ao fim de suas ponderações, Meditsch percebeu os ganhos e responsabilidades atrelados ao fazer jornalístico, uma vez considerado como forma de conhecimento:

Ao se deixar de considerar o jornalismo apenas como um meio de comunicação para considerá-lo como um meio de conhecimento, estará se dando um passo no sentido de aumentar a exigência sobre os seus conteúdos. Conhecimento implica em aperfeiçoamento pela crítica e requer rigor (1998, p. 37).

Independente da forma como cada autor entende o jornalismo, ao exercê-lo estaremos desempenhando as funções de coleta, apuração, análise, interpretação e transmissão de fatos. Ou seja, estamos tratando também de uma forma de comunicação. Partindo deste ponto, é possível compreender que as mudanças sociais, políticas, econômicas e tecnológicas ocorridas ao longo dos tempos são capazes de exercer diversas transformações sobre o jornalismo.

Um marco importante na história do jornalismo e que propiciou o que conhecemos hoje como jornalismo foi a prensa de Gutenberg. Criada nos anos 1400 pelo alemão Johannes Gutenberg, sua configuração consistia em um molde contendo as letras que formavam o texto

a ser divulgado. Esses moldes eram enchidos por tintas e então pressionados nas folhas em branco. Essa tecnologia possibilitou que a transcrição, antes feita a mão por humanos, passasse a ser uma impressão feita por máquinas. Assim, o que eram produções artesanais, manuais e mais lentas, passaram a ser mecanizadas, feitas em grandes escalas e muito mais rápidas.

No Brasil, a história do jornalismo se iniciou mais tarde. Antes da chegada da corte real portuguesa ao nosso país, em 1808, quaisquer trabalhos de imprensa eram proibidos. Situação que mudou quando a família real trouxe consigo a Impressão Régia, hoje conhecida como Imprensa Nacional. Foi justamente a Impressão Régia a responsável pela impressão do primeiro jornal que circulou no Brasil, o “Gazeta do Rio de Janeiro”. Quase que simultaneamente, Hipólito José da Costa, brasileiro exilado em Londres, criava o “Correio Braziliense”. Como foi produzido no exterior, esse jornal só passou a circular no Brasil um pouco mais tarde. De qualquer forma, ambos ficaram marcados na história como os primeiros jornais impressos do Brasil. A história do jornalismo por aqui ainda sofreria, mais tarde, diversas formas de censura, opressão e perseguição, especialmente durante a ditadura militar. Em termos de tecnologias, tudo seguiu muito parecido com o que aconteceu no resto do mundo, ressalvas às datas que, no Brasil, costumam se concretizar sempre mais tarde.

As próximas invenções que revolucionaram o jornalismo foram o telégrafo, em 1837, o rádio, em 1920, e a televisão, em 1940. Apesar de o termo “notícia em tempo real” ganhar muita força na era digital, foi o telégrafo, muitos anos antes, que deu o pontapé inicial para este tipo de agilidade. A criação desta tecnologia trouxe acelerações significativas na recepção e divulgação de informações para a época. Onde antes eram recebidas cartas manuscritas de fontes que levavam semanas até chegarem nas redações dos jornais, agora era possível receber os fatos dentro de um ou dois dias. Os jornais impressos da época ganharam novas seções para comportar os telegramas, estas tinham o nome de “notícias de última hora” e adquiriam grande destaque entre a segunda e terceira página da edição (Cadena, 2010).

A rapidez na circulação das notícias aumentou conforme ganharam vida as próximas inovações. Se as pessoas precisavam se deslocar até as bancas de jornais, após a criação do rádio as informações estavam ao alcance da própria casa. A popularização do rádio muito se deu devido a sua linguagem simples, formatos portáteis e com valores relativamente acessíveis. O rádio também revolucionou o jornalismo depois da criação de emissoras

dedicadas exclusivamente à divulgação de notícias. O formato conhecido como *all news*² surgiu em Tijuana, no México, mas ganhou força nos Estados Unidos durante a década de 1960 (Villega, 2022). Para aqueles que desejavam se manter informados, bastava sincronizar em uma das frequências de *all news* que ali estariam sendo divulgadas notícias o tempo todo.

A televisão, por sua vez, trouxe a popularização da imagem “ao vivo” para o jornalismo. Agora, além de transmitir notícias em “tempo real”, elas eram acompanhadas visualmente e com um repórter *in loco* que ficava responsável por atualizar o público sempre que uma nova informação era apurada. Com a popularização dos telejornais e a competição por audiência, houve também a necessidade de repensar o formato exibido. Algumas emissoras passaram a priorizar a capacidade de atrair espectadores ao invés da objetividade e precisão características dos noticiários. Por fim, esta tecnologia também deixou o público acostumado com um novo formato e, por sua vez, mais resistente ao antigo.

Alerta para a tendência de sínteses encontrada nos jornais da atualidade, fenômeno este conhecido como jornalismo pós-televisivo por tentar reproduzir o formato de notícias tal como se veiculam na televisão, ou seja, curtas, diretas, sem grandes interpretações, pois o leitor, teoricamente, não teria tempo para ler páginas inteiras sobre o mesmo tema (Vicente, 2009, p. 114).

Muitas incertezas surgiram em relação ao futuro desses meios de comunicação depois da chegada da era digital. Apesar da insegurança, tanto rádio quanto televisão se provaram ser, até hoje, meios de comunicação bastante relevantes. Ainda assim, a internet e a era digital formaram mais um período de adaptação do jornalismo para a nova realidade, onde agora nascem os jornais e revistas digitais.

O surgimento dos jornais e revistas digitais é um acontecimento em paralelo com a World Wide Web (www) e com a chegada da internet comercial (Rasêra, 2010). No Brasil, a responsável pelo lançamento desse serviço foi a Embratel, que começou o experimento em 1994. Um ano depois, em 1995, a internet comercial já era um serviço definitivo em nosso país. Não demorou muito para que jornais digitais brasileiros começassem a aparecer. O primeiro foi o jornal JB Online, criado ainda em 1995. Logo em seguida (1996), surge um dos grandes portais noticiosos do Brasil, o UOL. Apesar da rápida migração para as plataformas digitais, nos anos 1990 “o termo jornalismo digital ou ciberjornalismo referia-se, na maioria das vezes, às versões desenvolvidas para a web de jornais impressos, diários e de modelo comercial” (Rasêra, 2010, p. 3). Isso significa que, apesar da digitalização, as mudanças na

² Modelo mexicano que consistia em ciclos de notícias repetidas e atualizadas de tempos em tempos, partindo da premissa que o ouvinte ligaria na emissora, se informaria de forma satisfatória e seguiria para outra frequência de sua preferência, abraçando, assim, a ideia de que a audiência se renova periodicamente (Villega, 2022).

narrativa jornalística eram praticamente nenhuma, caracterizando o que Mielniczuk (2003) chama de webjornalismo de primeira geração:

Os produtos desta fase, em sua maioria, são simplesmente cópias para a web do conteúdo de jornais existentes no papel. A rotina de produção de notícias é totalmente atrelada ao modelo estabelecido nos jornais impressos e parece não haver preocupações com relação a uma possível forma inovadora de apresentação das narrativas jornalísticas (Mielniczuk, 2003, p. 10).

Num segundo momento, a autora descreve que, apesar de ainda atrelados ao modelo do jornalismo impresso, os jornais digitais começam a explorar características próprias da internet e da web, transformando a oferta de seus produtos. Uma terceira geração do webjornalismo é identificada por Mielniczuk (2003) quando surgem iniciativas jornalísticas criadas especificamente para o digital, favorecendo a potencialização de novos elementos na narrativa de produtos de jornalismo, entre eles a característica da “atualização contínua”.

Nos produtos jornalísticos desta geração, é possível observar tentativas de efetivamente explorar e aplicar as potencialidades oferecidas pela web para fins jornalísticos. Neste estágio, entre outras possibilidades, os produtos jornalísticos apresentam: – recursos em multimídia, como sons e animações, que enriquecem a narrativa jornalística; – recursos de interatividade, como chats com a participação de personalidades públicas, enquetes, fóruns de discussões; apresentam opções para a configuração do produto de acordo com interesses pessoais de cada leitor/usuário; – a utilização do hipertexto não apenas como um recurso de organização das informações da edição, mas também como uma possibilidade na narrativa jornalística de fatos; – atualização contínua no webjornal e não apenas na seção ‘últimas notícias’ (Mielniczuk, 2003, p. 11).

Posteriormente, as transformações no jornalismo na era digital ainda deram origem a uma quarta geração, proposta por Barbosa (2020), onde as bases de dados são “definidoras da estrutura e da organização, bem como da apresentação dos conteúdos de natureza jornalística, de acordo com funcionalidades e categorias específicas, que vão permitir a criação, manutenção, atualização, disponibilização e circulação de produtos jornalísticos digitais dinâmicos” (p. 128).

Para além da adaptação da linguagem, formato e tamanho, entre outros, na atualidade, o jornalismo também se vê afetado pelas plataformas de redes sociais online. Um dos principais impactos trazidos pela junção do jornalismo às redes sociais foi a relação com o público. Neste ponto, o efeito da participação e interação dos usuários de mídias sociais com os fazeres jornalísticos é bastante debatido por pesquisadores da área. Apesar de não nos aprofundarmos nesta discussão, ressaltamos a importância de entender sobre as influências na relação entre público e jornalismo nas redes sociais, como sugerido por Costa e Carvalho:

A prática jornalística precisa incorporar e entender a ideia de que hoje a sociedade dispõe de plataformas diversas como fonte de conteúdos diversos,

incluindo o conteúdo noticioso. Isso faz com que o público assuma também formas diversificadas no que se refere ao consumo de conteúdo. Assim, para que o jornalismo alcance essa variedade de públicos, é preciso entender antes como usar essas multiplataformas (2021, p. 8)

A partir dessa discussão e sequência histórica de transformação, é inevitável não perceber o quanto a atividade jornalística, quer queira quer não, se acelerou com o passar do tempo. De informações manuscritas que levavam semanas para chegarem, a telegramas que levavam um dia. De jornais impressos semanais a notícias diárias no rádio. Das notícias diárias na rádio para as coberturas “ao vivo” da TV. Dos telejornais para as informações, 24 horas por dia, sete dias por semana, a todo momento nas plataformas digitais. Observando este cenário, buscamos tentar entender como a própria noção de periodicidade dentro dos estudos em jornalismo vai sendo alterada ao longo dos anos, especificamente num período de 20 anos passados da publicação do livro “Jornalismo em ‘tempo real’ - O fetiche da velocidade”, da pesquisadora e jornalista Sylvia Moretzsohn. Publicado no início do fortalecimento da era digital, o trabalho já mencionava a aceleração do jornalismo, que, ao longo das duas décadas seguintes, ainda iria atualizar muitas vezes a ideia de velocidade em seus produtos e rotinas de produção.

3.2 PERIODICIDADE NO JORNALISMO

Para começar, buscamos entender o significado da palavra “periodicidade” em pelo menos três dicionários on-line. Os resultados obtidos na primeira definição foram, em todos eles, “qualidade (ou caráter) do que é periódico”. Como segunda definição houve algumas diferenças. O Michaelis³ classificou como “espaço de tempo, geralmente regular, entre as edições de uma mesma publicação”. Resultado bastante parecido com o que obtivemos no Aulete Digital⁴, que definiu assim: “período de tempo entre os números editados de uma publicação”. Já o Priberam⁵ trouxe uma identificação mais ampla, identificando como “intermitência (quando o período passa de um dia, de uma semana, de um mês etc)”.

Ao entrar na nossa discussão central, sabemos que o conceito de periodicidade jornalística é discutido por diferentes estudiosos do assunto. Mais do que isso, a periodicidade está atrelada a um dos conceitos fundamentais do jornalismo: a atualidade. É o que explicam Roseli Figaro e Cláudia Nonato:

A atualidade é um dos eixos estruturantes do jornalismo. Porém, as

³ Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/periodicidade/>. Acesso em: 13/11/2024.

⁴ Disponível em: <https://www.aulete.com.br/periodicidade>. Acesso em: 13/11/2024.

⁵ Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/periodicidade>. Acesso em: 13/11/2024.

mudanças nos processos produtivos e em suas tecnologias transformaram a noção social de tempo e de espaço, fazendo com que o eixo da atualidade, materializado na periodicidade, precise ser repensado e reavaliado. A periodicidade tem a ver com a industrialização do jornalismo, com um tipo de maquinaria, com determinado modelo de negócio. O termo está vinculado à noção de tempo, ao relógio, que delimita o deadline para a conclusão, publicação e circulação das notícias (2021, p. 2-3).

Essa pode parecer uma ideia simples, mas se torna complexa ao percebemos que, a partir das mudanças da relação com o tempo, mudam também a rotina, o formato e o produto jornalístico (Figaro; Nonato, 2021). O que estamos tentando dizer é: os avanços tecnológicos, o aumento de possibilidades de produções e a forma como a sociedade percebe o tempo ao seu redor mudaram, se aceleraram ao longo dos tempos. Com essa variante, alteram-se também os entendimentos de temporalidade, atualidade e periodicidade dentro do jornalismo. Em suma, esses continuam sendo conceitos centrais no fazer jornalístico, porém sofrem alterações na forma de fazer a fim de atender outros formatos de circulação próprios das mudanças na sociedade.

Outra referência na discussão de periodicidade jornalística é o alemão Otto Groth. Cintia Xavier e Felipe Simão Pontes (2019) se propuseram a fazer uma releitura da teoria do jornalismo proposta pelo professor e jornalista, em sua obra intitulada “O Poder Cultural Desconhecido. Fundamentos das ciências dos jornais” (2011). Eles mostram que Groth, assim como outros autores, também colocam a periodicidade como um dos pilares do jornalismo. Para favorecer o entendimento, Groth classifica como bases do jornalismo os conceitos de periodicidade, universalidade, atualidade e publicidade. Sobre o nosso objeto de estudo ele diz: “A medida da periodicidade, os espaços de tempo e as horas do dia nos quais os números do jornal são publicados são determinados pelos propósitos das pessoas” (Groth, 2011, p. 150-151 *apud* Xavier; Pontes, 2019, p.42). Ele ainda relaciona a periodicidade com os jornais, já que a publicação de exemplares tem consigo uma das peças fundamentais deste conceito: divulgações em espaços de tempos que variam de acordo com a realidade a qual estão inseridos (Xavier; Pontes, 2019).

Na mesma linha de Groth, porém com um elemento a mais e pequenas alterações nos termos, temos o brasileiro Carlos Eduardo Franciscato. Para ele, o jornalismo está diretamente relacionado à ideia da temporalidade, que pode ser observada de forma mais lúcida através de cinco alicerces: instantaneidade, simultaneidade, periodicidade, novidade e revelação pública. Sobre o terceiro aspecto ele reflete que “a noção de periodicidade implica em percebermos um aspecto específico que será fundamental ao jornalismo: o surgimento de uma necessidade social de que a sociedade fosse abastecida por notícias em períodos regulares e com intervalos

mais curtos" (Franciscato, 2005, p.137-138). Além disso, Franciscato (2005) também associa a periodicidade com o tempo em que produções jornalísticas são produzidas e veiculadas, além de acrescentar que esse tempo varia de acordo com a necessidade da sociedade de acompanhar os acontecimentos cotidianos.

A noção de “temporalidade”, termo que baseia as reflexões de Franciscato, também é explorada no âmbito da comunicação de modo geral. Essa visão é importante aqui, já que as tecnologias e a aceleração no modo de vida afetam a forma como socializamos. A passagem a seguir, além de mostrar como a velocidade da comunicação, seja ela jornalística ou não, mexe com o aspecto emocional das pessoas, também explica minimamente o motivo pelo qual o público, de modo geral, prioriza a agilidade das notícias:

Uma outra temporalidade caracteriza a carta de leitor. Enquanto se a redige esforçadamente a mão ou com a máquina de escrever, a exaltação imediata já desvaneceu. A comunicação digital, em contrapartida, torna uma descarga de afetos instantânea possível. Já por conta de sua temporalidade ela transporta mais afetos do que a comunicação analógica. A mídia digital é, desse ponto de vista, uma mídia de afetos (Han, 2018, p. 15).

Quem também fala sobre temporalidade, periodicidade e velocidade dentro do jornalismo é a pesquisadora e jornalista Sylvia Moretzsohn (2002). A autora tece críticas à forma como jornalistas contemporâneos priorizam a velocidade ao invés da periodicidade regular, ato que ela denomina como “fetiche da velocidade”. Para Moretzsohn, os avanços tecnológicos e as plataformas digitais não só modificam o modo como os jornalistas organizam e distribuem as notícias, como também alteraram o entendimento de periodicidade jornalística. Seus argumentos são em relação a jornais diários ou semanais, que garantem uma periodicidade regular e previsível, diferente das plataformas digitais e do “jornalismo em tempo real”, que pode ser publicado a qualquer momento (assim que ocorrem os fatos). Ainda sobre essa velocidade imposta pela era digital sobre o jornalismo, Moretzsohn pensa:

Essas considerações indicam que as contradições entre, de um lado, uma estrutura que favorece a precipitação e a aposta em ‘prognósticos’ como valor de atualidade e, do outro, o respeito a regras que exigem um distanciamento (e, portanto, alguma desaceleração) para a apuração rigorosa da notícia, é tão antiga quanto a própria constituição da imprensa como atividade industrial. Agora, na era do “tempo real”, essas contradições tendem a se agravar, e a se ‘resolver’ pela eliminação de um dos termos do problema – a necessidade de veicular informações corretas e contextualizadas –, pois ‘qualquer explicação serve’ para sustentar a notícia transmitida instantaneamente (2002, p.128).

Ao analisar as ideias propostas por cada um desses autores apresentados é possível perceber algumas semelhanças entre todas elas. A primeira e, talvez, mais importante, é o consenso de que periodicidade é um dos conceitos intrínsecos ao fazer jornalístico. Apesar

das reflexões mais antigas relacionarem a periodicidade jornalística aos jornais impressos, éramos sempre alertados de que isso poderia mudar conforme o tempo e a realidade a qual o jornalismo está inserido. Isso configura um outro resultado bastante importante, já que hoje é possível perceber que foi exatamente isso o que aconteceu. Em suma, compreendemos aqui que as mudanças no jornalismo e na definição dos seus principais pilares estão interligadas, perpetuamente, com a realidade na qual estamos todos (como sociedade) inseridos.

4 MAPEAMENTO E ANÁLISES

O desenvolvimento deste trabalho foi feito com o intuito de nos aprofundarmos nas mudanças na sociedade e, como parte dela, as transformações que o jornalismo enfrenta para atender à aceleração do tempo e dos processos sociais. Grande fração das reflexões apresentadas até agora culminam em um ponto em comum: as consequências de uma vida que só se apressou ao longo dos anos. Aceleração é um conceito diretamente relacionado ao tempo e à velocidade. No jornalismo, tempo e velocidade estão diretamente relacionados à periodicidade. Por isso, a proposição de investigar justamente este conceito e sua possível revisão ao longo de um período predeterminado de 20 anos.

Assim sendo, neste presente capítulo apresentamos o método de realização da Revisão Bibliográfica Sistemática (RBS) sobre periodicidade nos estudos científicos de Jornalismo publicados entre 2002 e 2022. Destacamos os seguintes aspectos: 1) quais são os autores mais citados; 2) como o tema foi conceituado ao longo dos anos e 3) quais são os entendimentos mais relevantes acerca do tema no período.

4.1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

São várias as possibilidades dentro de uma revisão bibliográfica ou revisão da literatura. A começar pelos seus diversos formatos, dentre eles a revisão narrativa, revisão integrativa e a revisão sistemática, esta última sendo a escolhida para a presente pesquisa. Este tipo de metodologia é importante para desenvolver um estudo com viés científico, já que para efetuar-la é necessário estabelecer tópicos chave como: palavras, autores, periódicos e dados preliminares (Dane, 1990). Autores ainda afirmam que utilizar a revisão sistemática traz mais credibilidade e otimização para as pesquisas.

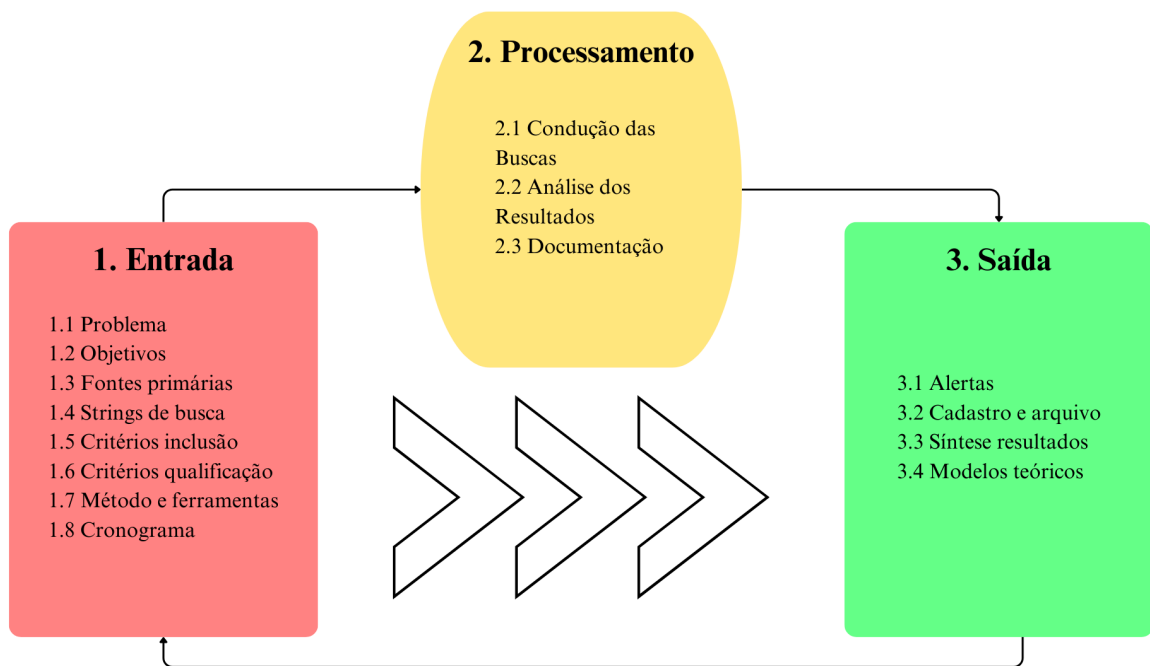
Uma forma de obter maior rigor e melhores níveis de confiabilidade em uma revisão bibliográfica é adotar uma abordagem sistemática. Isso significa, definir uma estratégia e um método sistemático para realizar buscas e analisar resultados, que permita a repetição por meio de ciclos contínuos até que os objetivos da revisão sejam alcançados (Conforto; Amaral; Silva, 2011, p. 2).

Revisões bibliográficas utilizam dados, pesquisas e resultados já existentes sobre suas áreas de atuação para concluir novos aspectos que ainda não foram abordados. Segundo Cynthia Mulrow (1994) este é, justamente, um dos motivos pelo qual a revisão sistemática não é muito valorizada no meio científico. Apesar disto, o uso dela aumenta a confiabilidade e precisão dos resultados, além de ser um recurso mais rápido e barato do que começar uma pesquisa do zero (Mulrow, 1994).

Outra definição importante é a de que uma revisão bibliográfica sistemática consiste, entre outras características, em coletar, conhecer, entender, analisar, resumir e considerar um grupo de trabalhos científicos com a intenção de criar um fundamento teórico-científico sobre o tema pesquisado (Levy; Ellis, 2006). Levy e Ellis (2006) ainda nomeiam o resultado deste grupo de ações como “estado da arte”, cujo desfecho deve provar que está contribuindo com algo novo sobre o conjunto de conhecimentos já existente.

Baseados nestes e demais conceitos, Conforto, Amaral e Silva (2011) criaram o seu próprio roteiro de revisão sistemática, que recebeu o nome de “RBS *Roadmap*”. Para esta pesquisa, utilizamos o roteiro proposto pelos autores, com adaptações que o ajustam ao trabalho proposto aqui. Ao longo do texto, nos referimos ao passo a passo sugerido por eles, trazendo sempre a configuração de como foi utilizado e os resultados obtidos. Assim, é importante entendermos de forma clara como funciona o formato proposto pelos autores. Para começar, a RBS *Roadmap* (Conforto; Amaral; Silva, 2011) consiste em três etapas principais, que se desenrolam em diversos subtópicos, como mostra a imagem a seguir:

Figura 1 – Passo a passo da RBS Roadmap



Fonte: Inspirado no modelo de Conforto, Amaral e Silva (2011) e elaborada pela autora (2024).

Na fase um, intitulada de “1. Entrada”, começamos pelo item “1.1 Problema”. Esta etapa consiste em definir um problema de pesquisa. O problema de pesquisa é formulado como pergunta e deve ser claro, preciso, de natureza empírica e com soluções delimitadas

dentro de uma margem viável (Gil, 2007). Tendo isto em vista, chegamos à seguinte questão: “Como o conceito de periodicidade se altera nos estudos em Jornalismo de 2002 a 2022 em trabalhos científicos brasileiros?”. A definição do problema de pesquisa conclui o item 1.1 e nos permite seguir para o próximo passo.

No segundo item, “1.2 Objetivos”, a ideia é propor as respostas que queremos alcançar com a pesquisa. Normalmente, são definidos objetivos geral e específicos. Ambos devem ter clareza e serem possíveis de alcance, além de estarem muito bem esclarecidos, já que serão não só os guias para a análise dos trabalhos encontrados na busca, mas também indicadores dos critérios de inclusão (Conforto; Amaral; Silva, 2011). Sendo assim, para este trabalho foi determinado como objetivo geral: identificar como o conceito de periodicidade se renova nos estudos em Jornalismo durante o período preestabelecido em trabalhos científicos brasileiros. Além dos objetivos específicos, que são: contextualizar velocidade e aceleração na sociedade contemporânea; identificar possíveis fatores e características responsáveis pela mudança de periodicidade dentro do jornalismo ao longo dos anos; apresentar os resultados da revisão sistemática acerca do conceito de periodicidade e discutir as constatações obtidas por meio da pesquisa.

Na sequência, o terceiro item do primeiro passo, “1.3 Fontes primárias” propõe que sejam estipulados artigos, periódicos ou base de dados que colaborem para a decretação das palavras-chave e identificação dos autores e artigos mais relevantes sobre o assunto.

É importante consultar especialistas e pesquisadores seniores na área que se pretende fazer uma RBS, para a indicação de artigos clássicos e periódicos relevantes para a área de estudo. Também é possível identificar as fontes primárias a partir de uma revisão bibliográfica preliminar, sem o rigor de uma revisão sistemática, fazendo a leitura de artigos e teses na área de estudo (Conforto; Amaral; Silva, 2011, p. 6).

Aqui, julgamos importante não só preestabelecer os conteúdos norteadores da revisão sistemática, como também aqueles referentes à contextualização do tema. Estamos falando de artigos e livros que vão além do jornalismo e das definições de periodicidade jornalística. São produções que exploram a aceleração da sociedade, o capitalismo e os demais aspectos responsáveis pelo melhor entendimento do cenário no qual o tema principal está inserido. O quadro a seguir mostra as escolhas iniciais e mais relevantes que constituem as nossas “fontes primárias”.

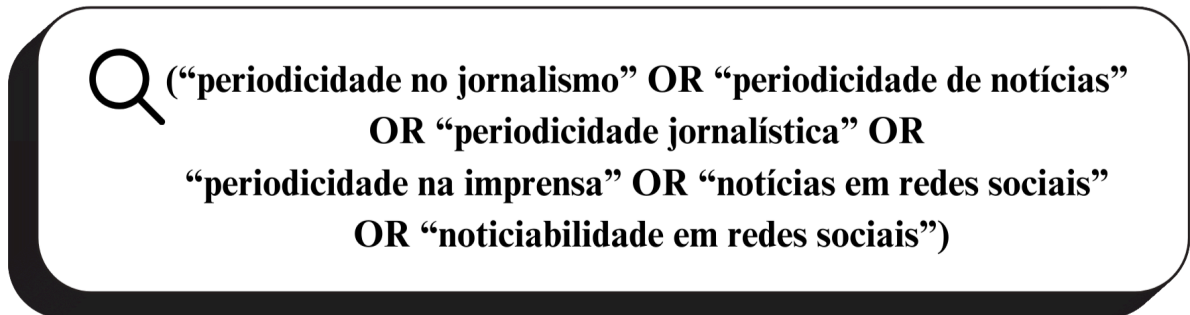
Quadro 1 – Fontes iniciais utilizadas na contextualização do tema

Autor(a)(es)	Título	Formato	Ano
Sylvia Moretzsohn	Jornalismo Em Tempo Real: O fetiche da velocidade	Livro	2002
David Harvey	A Loucura da Razão Econômica: Marx e o Capital no Século XXI	Livro	2018
Byung-Chul Han	No enxame: Perspectivas do digital	Livro	2018
Edson Fernando Dalmonte	Presente: o tempo do jornalismo e seus desdobramentos	Artigo	2010
Roseli Figaro e Cláudia Nonato	Ainda Existe Periodicidade no Jornalismo? O Regime de Publicação na Lógica do Processo Produtivo do Jornalismo Digital	Artigo	2021
Carlos Franciscato	O jornalismo e a reformulação da experiência do tempo nas sociedades ocidentais	Artigo	2014
Anna Paula Knewitz e Nilda Jacks	O jornalismo dos novos tempos e os novos tempos do jornalismo	Artigo	2010

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

O quarto passo da primeira etapa corresponde a “1.4 *Strings* de busca”. Com as palavras e termos de pesquisa predefinidos, optamos por utilizar o método de buscas booleanas. Existem diferentes maneiras de obter *Strings* de Busca lógicos e precisos, sendo comumente alcançados ao fazer um estudo preliminar das fontes ou recorrer a consulta de especialistas e pesquisadores (Conforto; Amaral; Silva, 2011). O formato de busca desta pesquisa dispôs do auxílio de Fabio Lorensi do Canto, membro do Serviço de Competência em Informação e Suporte à Pesquisa da Biblioteca Universitária da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Juntos, chegamos à seguinte composição:

Figura 2 – Busca booleana utilizada na RBS



Fonte: Elaborada pela autora (2024).

O quinto item “1.5 Critérios de inclusão” também é norteado pelos objetivos da pesquisa. Desta forma, os critérios de inclusão variam dependendo da pesquisa e de seus objetivos, sem possuir um formato exato a ser seguido. O principal objetivo deste trabalho, mesmo que acompanhado de demais fatores, é entender como a periodicidade jornalística é conceituada ao longo dos anos. Com isso em vista, nosso principal critério de inclusão são estudos científicos que efetivamente tragam uma definição de periodicidade dentro do jornalismo. Também foram critérios de inclusão a disponibilidade e acesso completo aos textos, além dos ajustes precisos definidos por filtros de busca, como limite de tempo e idioma. Esses aspectos serão apresentados de forma mais detalhada nos próximos itens.

O sexto passo, nomeado como “1.6 Critérios de qualificação”, consiste em “avaliar a importância do artigo para o estudo” (Conforto; Amaral; Silva, 2011, p. 7). Na prática, nossos critérios de qualificação utilizados aqui não diferem muito dos pontos apresentados anteriormente. Consideramos qualificados para esta pesquisa, principalmente, trabalhos que trouxessem uma clara definição de periodicidade jornalística.

Em “1.7 Método e ferramentas” são firmadas as etapas e a forma como a busca será conduzida, além de estabelecer os periódicos ou base de dados a serem utilizados, bem como os filtros de busca. Este estudo utilizou o Oasisbr - Portal Brasileiro de Publicações e Dados Científicos em Acesso Aberto⁶. Ao aplicar nossa *string* de busca final (apresentado na Figura 2) mais os filtros de tempo (de 2002 a 2022), idioma e região (apenas estudos científicos brasileiros e em português), além de utilizar a busca de “Todos os campos”, obtivemos o número total de 297 resultados. Ao inserir os critérios de inclusão já mencionados (trabalhos de relevância para a pesquisa; disponibilidade e acesso completo aos textos; data de publicação dentro do período de tempo estabelecido – 2002 a 2022 –; produções brasileiras e

⁶ Disponível em: <https://oasisbr.ibict.br/vufind/>. Acesso em: 25/11/2024.

em português), bem como alguns critérios de exclusão (estudos científicos que continham as palavras-chave, mas não traziam a discussão sobre periodicidade jornalística centralizada; estudos científicos que não estavam disponíveis na íntegra; estudos científicos que, apesar dos filtros, estavam fora dos anos estabelecidos, não eram produções brasileiras ou estavam em outro idioma; estudos científicos cuja publicação estava duplicada), limitamos a 23 o número de estudos científicos a serem analisados nesta RBS.

Por fim, temos o oitavo passo, que consiste em “1.8 Cronograma”. Aqui os autores sugerem que é importante determinar um prazo para a conclusão da pesquisa. Prazo este que é medido desde o planejamento até a conclusão do projeto. A duração é indeterminada e costuma variar de acordo com os objetivos. Uma forma de prever o tempo que levará para alcançar os resultados finais é medir as horas/dias utilizados em buscas nos periódicos e na leitura dos textos. O cronograma e prazo deste trabalho consistem na data final de entrega e defesa do mesmo. Desde o início da idealização deste projeto até o dia de sua entrega, obtivemos cerca de 12 meses para o seu desfecho.

4.2 RESULTADOS OBTIDOS

Seguindo o modelo RBS *Roadmap* sugerido por Conforto, Amaral e Silva (2011), a segunda etapa consiste em “2. Processamento” e é dividida em três passos: “2.1 Condução das Buscas”, “2.2 Análise dos resultados” e “2.3 Documentação”, que podem ser vistos na Figura 1. Aqui, passos da etapa um se encontram com a etapa dois, já que para realizar as buscas precisamos, entre outras coisas, pôr os filtros definidos em uso, bem como executar a escolha do periódico ou base de dados a ser utilizada. Em seguida, a proposta é efetuar a leitura dos materiais, que é feita de modo gradual, a começar pela identificação do título, resumo e palavras-chave. Depois, vamos nos aprofundando, passando para a introdução e conclusão. Somente com estas fases concluídas é que cumprimos a leitura integral dos trabalhos. Também é necessário armazenar os documentos selecionados, do mesmo modo que os filtros e *strings* de busca. Por fim, são documentadas informações como: 1) a quantidade de resultados encontrados na busca = 297; 2) a quantidade de itens excluídos = 274 e 3) o resultado dos materiais a serem analisados = 23.

Durante a leitura e análise dos materiais selecionados, procuramos nos atentar a alguns aspectos fundamentais. O primeiro deles foi identificar a principal ideia trazida pelo texto acerca do conceito de periodicidade dentro do jornalismo. Depois, fizemos o levantamento dos principais autores citados nos estudos científicos. Também observamos, dentro da

limitação de tempo definida, em quais anos foram publicadas mais pesquisas sobre o assunto. Essas e demais informações coletadas ao longo da pesquisa são norteadoras das conclusões às quais chegamos, mas, antes de apresentar as nossas conclusões, olharemos para os resultados obtidos.

O quadro a seguir apresenta, em ordem cronológica crescente, as produções alcançadas em nossa apuração após a aplicação de todos os filtros anunciados anteriormente. Nele será possível conferir autores, título e ano de publicação.

Quadro 2 – Apresentação dos resultados obtidos com a pesquisa

(Nº)	Autor(a)(es)	Título	Ano
1	Aline do Amaral Garcia Strelow	Análise global de periódicos jornalísticos (AGPJ): Uma proposta metodológica para o estudo do jornalismo impresso	2007
2	Ana Elisa Coelho Nunes	Jornalismo Superinteressante: valores, rotinas e tradução	2011
3	Sofia Luisa Moutinho de Oliveira	Notícias embargadas: um estudo de caso do impacto dos periódicos científicos Science e Nature na produção do jornalismo brasileiro on-line sobre ciência	2011
4	Maria de Jesus Daiane Rufino Leal Rose Mara Vidal de Souza	A concepção de imprensa brasileira no século XX: A visão de Rui Barbosa, Danton Jobim, Luiz Beltrão e Carlos Lacerda	2013
5	Maíra de Cássia Evangelista de Sousa	A dinâmica da notícia nas redes sociais na internet	2013
6	Lia Seixas	Teorias de jornalismo para gêneros jornalísticos	2013
7	Paulo Pinheiro Gomes Jr.	Big Data e o consumo de notícias nas redes sociais	2014
8	Mohammad Ofiul Hasna	Credibilidade das redes sociais online: aos olhos dos jornalistas profissionais finlandeses	2014
9	Ana Cristina Pinto Matias	Francisco Xavier Ferreira: primórdios da imprensa rio-grandina	2014
10	Luís Francisco Munaro	A articulação de jornalismo e espaços públicos na Ilustração Inglesa	2015
11	Raianne Pereira de Oliveira	A imprensa sergipana e as notícias do Brasil	2015

		Cultural no período Vargas (1930-1945)	
12	Kleitton Luiz Nascimento Reis	Crítérios de seleção de notícias em redes sociais na internet: Um estudo do perfil noticioso da Folha de S.Paulo no Facebook	2015
13	Felipe Moura de Oliveira	A semiose da notícia em ambiente de crise: Movimentos em rede e mediação na semiosfera contemporânea	2016
14	Bianca Peixoto Moura da Silva	Como a geração digital consome jornalismo	2016
15	Adrielle Pereira Bezerra	Onde tem tiroteio: Novos critérios de noticiabilidade nas redes sociais	2017
16	Julia do Canto Soll	Um estudo acerca de qualidade no produto jornal digital e respectivas competências profissionais	2017
17	Mayume Caires Moreira Juliani Bruna Leite Silva Gustavo Noronha de Ávila	A (in)observância da presunção de inocência pela mídia: Uma análise dos meios de comunicação televisivos da cidade de Maringá - PR	2019
18	Alice Cristiny Ferreira de Souza	Aplicativo Verific.AI - Automatização de checagem de links de notícias no combate ao ecossistema da desinformação	2019
19	Maria Cristina Guimarães Rosa do Amaral	Deslocamentos de sentido e de narrativas na recirculação da notícia nas redes sociais: Um estudo da página Caneta Desmanipuladora	2019
20	Bruno Everton Bezerra da Rocha	Versus: Páginas para ler em dias de Sol	2019
21	Maithe Miranda Corrêa Martins	A presença do jornalismo na plataforma Instagram	2020
22	Roseli Figaro e Cláudia Nonato	Ainda Existe Periodicidade no Jornalismo? O Regime de Publicação na Lógica do Processo Produtivo do Jornalismo Digital	2021
23	Marina Roosevelt de Barcellos	Newsletter diária como ferramenta de "mediação qualificada" em jornalismo: uma análise do Canal Meio	2022

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

Na sequência, optamos por trazer, também em quadro, as principais ideias acerca do tema apresentadas em cada um dos estudos científicos. Utilizaremos os números de

identificação referente a cada um dos resultados, acompanhado do conceito de periodicidade explorado pela pesquisa, bem como uma citação que corrobora com a visão exposta.

Quadro 3 – Principais ideias apresentadas sobre periodicidade no jornalismo

(Nº)	Principal ideia	Citação
1	Com uma perspectiva do jornalismo impresso, este artigo traz a visão de periodicidade diretamente relacionada à frequência das publicações. Ao longo do texto são citados periódicos diários, semanais e mensais.	“Um detalhe que merece destaque é a periodicidade desses textos, geralmente semanal, editando-se exclusivamente aos domingos, já que era tradicional os periódicos não circularem na segunda-feira, fato que só seria mudado na década de 80 do século XX.” (Strelow, 2007, p. 100)
2	Ideia de que a periodicidade do veículo é fator primordial nas rotinas e fluxos de trabalho internos, bem como na qualidade, profundidade e fazer jornalístico.	“Sérgio Vilas Boas (1996, p.101) compara a revista ao jornal, outro veículo impresso, e chega a concluir que a grande diferença entre os dois é a periodicidade: enquanto o jornal é mais dinâmico e traz as notícias do dia a dia, a revista, por ser semanal, quinzenal ou mensal, precisa apresentar outros atrativos para cativar o público.” (Nunes, 2011, p. 42)
3	Apresenta uma visão sobre a periodicidade dentro do jornalismo científico e faz críticas ao conceito já que ele impacta na qualidade e na profundidade das produções.	“Davies, como muitos outros jornalistas e teóricos, atribuiu o crescimento desse tipo de jornalismo [“churnalismo”] à velocidade de produção frequentemente nas redações e pontos que, com o surgimento dos sites de notícias, o problema só fez aumentar pela maior exigência de atualizações das notícias na internet.” (Oliveira, 2011, p. 46)
4	Danton Jobim acreditava que tratar jornais como negócios levaria a um maior profissionalismo, independência da influência do governo e cronogramas de publicação mais consistentes. Essa perspectiva enfatiza a conexão entre periodicidade e a estrutura organizacional da imprensa, sugerindo que ciclos regulares de publicação eram cruciais para uma imprensa financeiramente estável e independente. Enquanto Carlos Lacerda argumenta que a demanda por notícias "frescas", impulsionada pela frequência de publicação, pode levar a um foco em histórias superficiais.	“O segredo do Jornalismo consiste, ao meu ver, em tomar muito a sério os fatos cotidianos, sem ao mesmo tempo perder a perspectiva da relativa desimportância de tais fato em face do tempo. Essa combinação de atualidade e permanência é que dá conteúdo ao Jornalismo, na medida em que esses dois fatores se combinam para formar a substância do jornal (LACERDA, 1990, p. 35).” (Lacerda <i>apud</i> Leal; Souza, 2013, p. 64)

5	<p>Destaca a transição dos modelos tradicionais de produção e distribuição de notícias, caracterizados por cronogramas de publicação definidos (jornais diários, transmissões programadas), para um fluxo contínuo de informações facilitado por plataformas de mídia social. Essa mudança desafia a noção tradicional de periodicidade, onde as notícias eram entregues em intervalos específicos. A mídia social permite a atualização e disseminação constantes de informações, borrando as linhas entre ciclos distintos de publicação.</p>	<p>“Ainda no contexto da circulação de conteúdo nas redes sociais na internet pelo jornalismo, é importante citarmos o modelo de notícia para o século XXI proposto por Bradshaw (2007) [...]. Considerado uma “alternativa” à pirâmide invertida, esse modelo foi pensado no contexto do jornalismo convergente com as redes sociais, no qual uma grande notícia seria construída constantemente, a partir de vários estágios, considerando a velocidade e a profundidade na produção do conteúdo.” (Sousa, 2013, p. 107-108)</p>
6	<p>O artigo posiciona a periodicidade como um conceito crucial na compreensão do jornalismo, indo além de uma simples definição de publicação regular para abranger a identidade, rotinas e dimensões analíticas da produção de notícias.</p>	<p>“Nesse sentido, condições de produção podem determinar a periodicidade de um produto e, conseqüentemente, os gêneros que se pode produzir. Nenhuma composição dos 83 destaques analisados mostrou qualquer marca textual capaz de identificar periodicidade, mesmo de seções. No caso de editoriais e artigos, o hábito diz que são publicados a cada dia, como nos impressos. Como o produto é site noticioso, o tempo é multicrônico, a frequência de formatos e caracterização de seções e/ou colunas é livre. A periodicidade, portanto, considerada por muitos autores (GROTH, BELTRÃO) uma propriedade do “jornal” e do jornalismo, é uma característica do produto. Assim como instantaneidade não é apenas característica da mídia, devendo ser analisada segundo a matéria-prima, a periodicidade não deixa de existir em função da potencialidade instantânea da mídia, pois depende do produto.” (Seixas, 2013, p. 173-174)</p>
7	<p>Impacto das redes sociais na periodicidade e no fazer jornalístico aumenta a concorrência.</p>	<p>“Brambilla (2005) destacou que existem três vertentes de como as redes sociais podem ser incorporadas no dia a dia de quem trabalha com a notícia: na apuração (busca por fontes, personagens, pautas, testemunhos, opiniões); na veiculação (linguagem adequada aos medias sociais, grupos e momentos certos para divulgação de determinadas notícias); e no feedback/relacionamento com o público (aproveitar a quantidade de informação espontânea e gratuita para melhorar o</p>

		trabalho).” (Gomes Jr., 2014, p. 50)
8	O autor observa a dependência decrescente da mídia impressa tradicional, particularmente entre as gerações mais jovens. Essa mudança sugere que a periodicidade fixa de publicações diárias ou semanais está se tornando menos relevante à medida que o público adota a imediatez e as atualizações constantes oferecidas pelas plataformas online.	“Alguns investigadores, contudo, consideram que a velocidade da disseminação de notícias nas redes sociais é superior à da versão digital dos media tradicionais. Neste sentido, Thurman (2008) defende que as versões online dos media dominantes debatem-se com a acusação de serem lentas a dar resposta às redes sociais.” (Hasna, 2014, p. 211)
9	Mostra, sobretudo, a história do jornal “O Noticiador”, do Rio Grande - RS, mas ao abordá-la, contextualiza outros aspectos do jornalismo impresso. Inclusive, como funcionava sua periodicidade no início da história do jornalismo no Brasil.	“Neste período [1808-1822], os jornais tinham uma periodicidade mensal, quinzenal ou semanal, devido às condições pouco precárias de elaboração, tanto em relação à preparação, quanto à forma impressa, que se pode considerar, de acordo com Nelson Werneck Sodré, em História da imprensa no Brasil, uma “imprensa artesanal” (1994, p. 35), por seu caráter de elaboração manual das publicações.” (Matias, 2014, p. 22)
10	O artigo relaciona o crescimento dos jornais regulares com o ritmo crescente de troca de informações na economia capitalista. À medida que as notícias se tornaram uma mercadoria, seu valor foi vinculado à sua novidade e atualidade. Essa demanda por informações novas solidificou ainda mais o conceito de periodicidade dentro do jornalismo, onde ciclos regulares de publicação eram essenciais para atender ao apetite do público por eventos atuais.	“Os critérios dessa nova forma de literatura estavam intimamente vinculados à troca epistolar permanente de informações. A transformação da notícia em mercadoria vai ligá-la aos critérios de novidade da economia capitalista. A velocidade dos escritos se acelera gerando, no caso inglês, substrato material para aquela crítica típica de Pope e Swift com relação ao conteúdo dispersivo dos jornais (MELTON, 2001).” (Munaro, 2015, p. 68-69)
11	O artigo sugere que o foco do governo no controle da periodicidade destaca seu reconhecimento do poder da publicação regular para influenciar o discurso público e reforçar sua ideologia.	“A incorporação gradativa da tecnologia ao processo de confecção artesanal provocou um impacto bastante significativo no cotidiano da cidade, principalmente no da capital, onde os sinais da modernidade eram mais evidentes. Os avanços técnicos interferiram de forma direta no fazer jornalístico, na produção, circulação e no conteúdo dos impressos.” (Oliveira, 2015, p. 16)
12	O autor revela que, embora a Folha de	“Novos espaços nasceram dentro do

	<p>S. Paulo use postagens agendadas, ela também mantém flexibilidade para se ajustar a eventos inesperados ou tópicos de tendência. Essa abordagem adaptável sugere uma compreensão da necessidade de equilibrar conteúdo pré-planejado com capacidade de resposta a eventos em tempo real, uma consideração fundamental ao pensar sobre periodicidade em notícias online.</p>	<p>ambiente hipermidiático e dinâmico proporcionado pela internet, cada um com características particulares e específicas e que buscam atender públicos cada vez mais heterogêneos. Isso mostra o quanto a audiência está fragmentada na internet. Porém, trata-se uma audiência cada vez mais ativa no processo de produção e circulação de conteúdos que, em virtude de estar em rede, torna-se cada vez menos passível de ser controlada pelas empresas de mídia. Estas características também se refletem no jornalismo, e diversas metáforas e conceitos têm surgido para tentar explicar a atual configuração do jornalismo contemporâneo. O jornalismo em rede é um desses conceitos.” (Reis, 2015, p. 44)</p>
13	<p>O surgimento das redes sociais digitais rompeu com o modelo tradicional de periodicidade, conduzindo a fluxos de informação mais imediatos e contínuos, abrindo mão do formato linear e controlado de disseminação de informações.</p>	<p>“Tradicionalmente, a semiose da notícia segue um percurso linear. Nos radiojornais e telejornais, ainda há algum espaço de imediaticidade e repercussão instantânea, mas, nos formatos impressos, as semioses produzidas pelas narrativas jornalísticas assumem uma temporalidade mais esgarçada. Quando os jornais migram para a internet e assumem características como a hipertextualidade, instantaneidade, multimidialidade e interatividade (BARBOSA, TORRES, 2012; MACHADO E PALACIOS, 2003; MIELNICZUK, 2003; PALACIOS, NOCI, 2009; SCHWINGEL, 2012), os fluxos da semiose também iniciam processos de transformação consideráveis.” (Oliveira, 2016, p. 85)</p>
14	<p>A autora sugere que a periodicidade tradicional da mídia impressa, como jornais diários e revistas semanais, está se tornando menos relevante na era digital. A geração Y, em particular, têm menos probabilidade de depender desses formatos impressos tradicionais para notícias e, em vez disso, recorre a fontes online que oferecem atualizações contínuas.</p>	<p>“Os jornais e revistas foram para a internet também e souberam usar a credibilidade que já haviam conquistado a seu favor. Mas não se trata de material impresso deslocado para o online. O conteúdo teve que ser adaptado à nova plataforma.” (Silva, 2016, p. 4)</p>
15	<p>Demonstra como a mídia social interrompeu a periodicidade tradicional</p>	<p>“As novas tecnologias e as redes sociais impactam a produção, a divulgação de</p>

	<p>da produção de notícias. O imediatismo da mídia social forçou os jornalistas a se adaptarem, engajando-se em monitoramento constante e respondendo a informações em tempo real.</p>	<p>notícia e a discussão em tempo real. O fluxo de informações por meio das redes sociais é um exemplo de cibercultura associado à prática jornalística. Essas redes aceleram ainda mais a velocidade em que as matérias são compartilhadas, debatidas e até mesmo desacreditados.” (Bezerra, 2017, p. 27)</p>
16	<p>Demonstra como a periodicidade está interligada a questões de modelos de negócios, comportamento do leitor, relevância do conteúdo e a natureza evolutiva da prática jornalística.</p>	<p>“Dada a natureza de convergência das tecnologias, os limites das novas e velhas mídias (dentre elas, o jornal impresso) se confundiram e estimularam a competição entre provedores de informação, estimulando novos meios de distribuição; em consequência, as práticas jornalísticas gradualmente se libertaram dos formatos existentes, aumentando cada vez mais a importância da (re)definição de competências essenciais do jornalismo.” (Soll, 2017, p. 12)</p>
17	<p>O estudo se concentra na periodicidade da cobertura de notícias criminais, destacando sua prevalência na mídia. Essa ênfase na natureza recorrente das reportagens sobre crimes ressalta um padrão de cobertura consistente. Os autores argumentam que o fascínio do público e da mídia pelo crime, bem como o potencial da mídia de moldar a percepção pública selecionando e enfatizando certos tipos de crime, tudo contribui para o ciclo persistente de cobertura de notícias criminais.</p>	<p>“Sobre a diferença temporal da mídia e do Judiciário, Simone Schreiber, cita o aspecto prejudicial da necessidade de dar a notícia “em tempo real”, pois os meios de comunicação atuam premiados pela pressa, e se afastam do sorteio da noticiabilidade, há vista que o importante para os meios de comunicação de massa é transmitir os fatos no momento que estão acontecendo” (Moreira; Silva; Ávila, 2019, p. 6)</p>
18	<p>Embora reconheça a ruptura da periodicidade tradicional, a fonte sugere que novas formas de temporalidade estão a emergir na era digital. Os meios de comunicação online estabelecem seus próprios ritmos por meio da frequência de atualizações, notificações push e engajamento nas mídias sociais.</p>	<p>“Enquanto na era industrial o tempo seguia uma lógica disciplinar, em que tarefas e ordens eram distribuídas a cada momento da vida, a relação com o tempo definida pelo uso das tecnologias da informação e comunicação atua no sentido de aniquilar o sequenciamento (CASTELLS, 2017).” (Souza, 2019, p. 59)</p>
19	<p>A página em si incorpora um aspecto interessante da periodicidade: Publicação irregular: a análise das postagens da página não revela um cronograma ou padrão fixo em termos</p>	<p>“Essa irregularidade sugere que a <i>Caneta Desmanipuladora</i> prioriza a relevância do conteúdo em vez de manter uma periodicidade rigorosa, talvez refletindo sua natureza ativista e foco em reagir a notícias</p>

	de frequência de postagem.	específicas. Em relação aos hábitos de postagem, não há periodicidade fixa, nem momento da semana ou do dia em que as postagens se deem com maior frequência.” (Amaral, 2019, p. 82)
20	O artigo também se concentra no conceito de periodicidade atrelado a frequência de publicações da revista impressa.	“ <i>Versus</i> veio a público em formato tabloide, sendo que variavam entre 44 e 48 o número total de páginas; teve periodicidade irregular, alternando entre mensal e bimestral.” (Rocha, 2019, p. 100)
21	Discute como plataformas como o Instagram priorizam atualizações instantâneas e "simultaneidade de registro e consumo", sugerindo uma mudança em direção a ritmos de publicação mais fluidos e contínuos.	“Sendo assim, o uso do Instagram por veículos jornalísticos é uma estratégia necessária quando o objetivo é alcançar o público que busca se informar ao longo do seu dia, seja no caminho do trabalho ou na pausa para o café. Porém, o uso jornalístico dessa plataforma se depara com diversas possibilidades além da simultaneidade de registro e consumo”. (Martins, 2020, p. 9)
22	Conclui que o “regime de publicação” oferece uma estrutura mais abrangente e relevante para a compreensão da temporalidade do jornalismo digital, já que abrange todo o processo editorial, incluindo práticas autorais, edição e circulação. Elas enfatizam que o “regime de publicação” não é determinado apenas pelo meio em si, mas é moldado pelas condições de produção, incluindo escolhas editoriais, disponibilidade de recursos e a dinâmica da circulação online.	“A periodicidade tem a ver com a industrialização do jornalismo, com um tipo de maquinaria, com determinado modelo de negócio. O termo está vinculado à noção de tempo, ao relógio, que delimita o deadline para a conclusão, publicação e circulação das notícias. [...] Mas se a relação com o tempo muda, se comprime e se torna mais densa por conta das possibilidades do processo produtivo, de suas rotinas e tecnologias, essa inserção na narrativa do cotidiano também é alterada, assim alteram-se os formatos e o produto jornalístico.” (Figaro; Notato, 2021, p. 3)
23	A autora enfatiza que o boletim Meio é uma publicação <i>diária</i> , entregue todas as manhãs de dias úteis entre 7h e 8h (horário de Brasília). Essa cadência diária é central para a identidade do boletim e seu valor proposto aos leitores, o que mostra o conceito de periodicidade atrelado à identidade do veículo.	“Reunindo as principais notícias do dia, coletadas de diversos veículos, a newsletter gratuita é enviada por e-mail, de segunda a sexta, entre às 7h e 8h (horário de Brasília) e promete uma leitura de oito minutos, “para quem não tem tempo de ler jornal” (MEIO, 2016, online).” (Barcellos, 2022, p. 31)

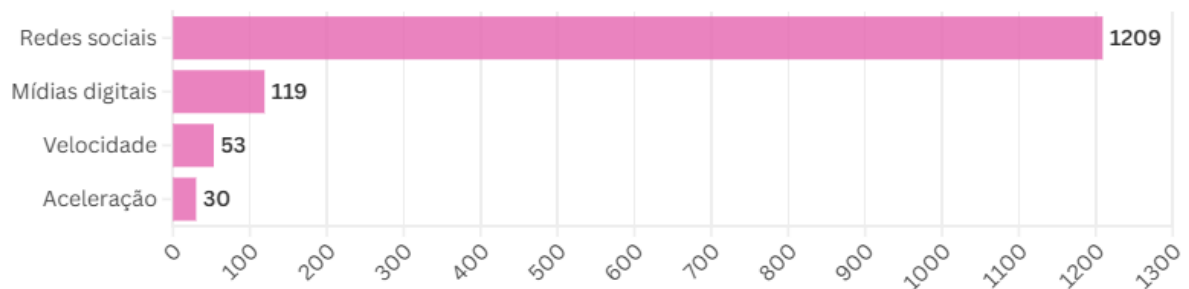
Fonte: Elaborado pela autora (2024).

A partir destas informações é possível obter diversos panoramas. O primeiro e, talvez, mais importante, é que o conceito de periodicidade está sempre ligado a um dos princípios do jornalismo. Fato apoiado pela percepção de que, mesmo não sendo o principal objeto de estudo de diversos dos estudos científicos apresentados, ainda assim eles trazem suas ideias sobre periodicidade dentro do jornalismo. Isso porque, sendo um dos pilares do mesmo, é difícil falar de jornalismo sem citar um dos seus fundamentos.

A leitura dos materiais também ressalta a ideia de novidade e velocidade. Grande parte das definições de periodicidade vieram acompanhadas de desafios como divulgar notícias com o maior grau de imediatismo possível, bem como atentar-se a trazer sempre algo novo. A impressão é de que, mesmo naquelas produções onde falam sobre o jornalismo dos anos 30, a meta, assim como hoje em dia, era produzir e divulgar informações o mais rápido possível.

Para checar se esta percepção se repete ao longo de toda a análise, produzimos um gráfico que mostra a quantidade de vezes em que os termos “aceleração”, “velocidade”, “mídias digitais” e “redes sociais” aparecem ao longo dos textos.

Figura 3 – Gráfico de quantidade de vezes que os termos aparecem nos textos



Fonte: Elaborada pela autora (2024).

Apesar da palavra “velocidade” aparecer uma quantidade significativa de vezes, não é esse o número que mais chama atenção. Ao ler o título das produções já era possível perceber que, majoritariamente, o assunto principal tinha relação com as redes sociais.

Os capítulos de contextualização deste trabalho não foram escritos à toa. Com base nas pesquisas prévias já era possível perceber a ligação entre o conceito de periodicidade e as redes sociais, especialmente na atualidade. Fator muito devido ao desafio proposto pelas redes sociais ao jornalismo em conseguir manter aquela periodicidade tradicional possibilitada pelo

jornalismo impresso. Esta discussão é comum a 12 dos 23 estudos científicos publicados entre 2002 e 2022 no Brasil que tratam da periodicidade no jornalismo. O que demonstra uma preocupação dos trabalhos científicos com o impacto que este tipo de aceleração própria das plataformas digitais impõem à prática jornalística. Para além da relação entre redes sociais, jornalismo e periodicidade, a autora Maria de Cássia Evangelista de Sousa ainda evidencia as mudanças na relação do jornalismo com o público trazidas pelas mídias sociais.

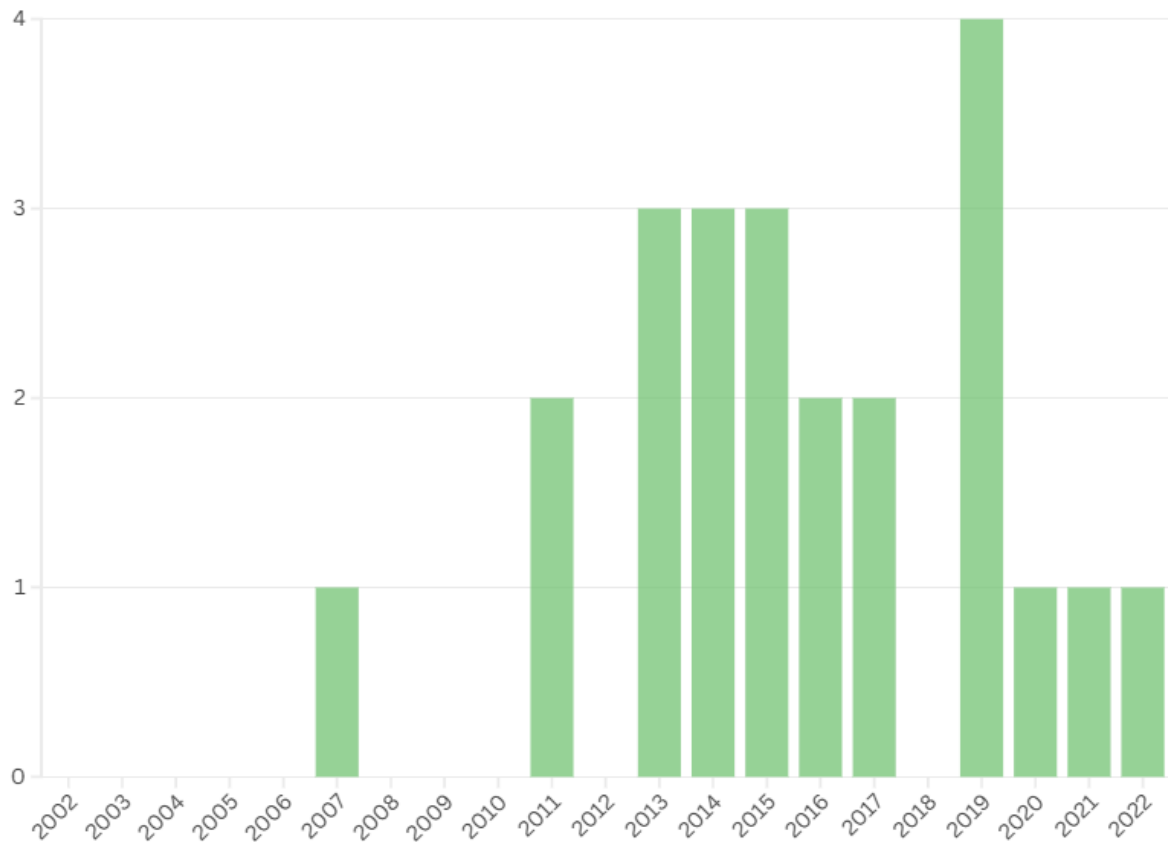
A facilidade em se publicar, comentar e distribuir informações nos sites de redes sociais na internet marca o atual momento do jornalismo. Diferentemente da época de ouro do jornalismo impresso, quando os editores possuíam grande poder sobre a sociedade, com a emergência das redes sociais esse poder se dispersa e é dividido com seus usuários (Sousa, 2013, p. 71).

Outra ideia que ressalta aos nossos olhos é a do jornalismo inserido na sociedade capitalista e suas implicações. Condição que o torna percebido pelo público como um produto, bem como a necessidade de suprir os interesses dos donos das grandes imprensas. Essa visão impacta diretamente no conceito de periodicidade, já que muda o ritmo de produção, que passa a ser constante para se assemelhar ao ritmo de produção de qualquer outro produto. Quem mostra uma visão clara sobre esse assunto é a Julia do Canto Soll, cuja obra também está presente em nossa revisão.

As mudanças no cenário tecnológico alteraram os hábitos de consumo do leitor e, em consequência, impactaram o negócio da mídia. Os jornais se mantêm entre as principais marcas de consumo de mídia da era digital (CARSON, 2015, e NIELSEN, 2012). Pode-se dizer que os mesmos são imprescindíveis no dia-a-dia – particularmente no Brasil atual, que enfrenta mudanças políticas e estruturais com velocidade acelerada, imerso em um cenário complexo (Soll, 2017, p. 25).

Para além das percepções acerca do conceito do tema, também buscamos observar outros aspectos. Olhamos, por exemplo, para como estão distribuídos os trabalhos sobre periodicidade jornalística ao longo dos anos:

Figura 4 – Gráfico sobre a distribuição das produções ao longo dos anos



Fonte: Elaborada pela autora (2024).

Olhar para os resultados da pesquisa sob a perspectiva dos anos foi importante para perceber algumas coisas. Primeiro, vale lembrar que este trabalho predeterminou um limite de tempo, que é de 2002 a 2022. Dentro deste limite e ao observar a Figura 3, entendemos que a discussão sobre periodicidade no jornalismo voltou à tona recentemente, já que mais de 95% dos estudos científicos foram publicados a partir dos anos 2010. Por “voltar à tona”, queremos dizer que, apesar de possuir a maioria das publicações nos últimos anos, esse debate já existe a bastante tempo. Há exemplo de Otto Groth, um dos precursores desta discussão, que publicou sua obra “O poder cultural desconhecido: fundamentos da Ciência dos Jornais” em sete partes (a última delas sendo uma publicação póstuma) entre os anos de 1961 a 1966. Nessas obras, Groth propõe vários fundamentos para o jornalismo, entre eles o da periodicidade.

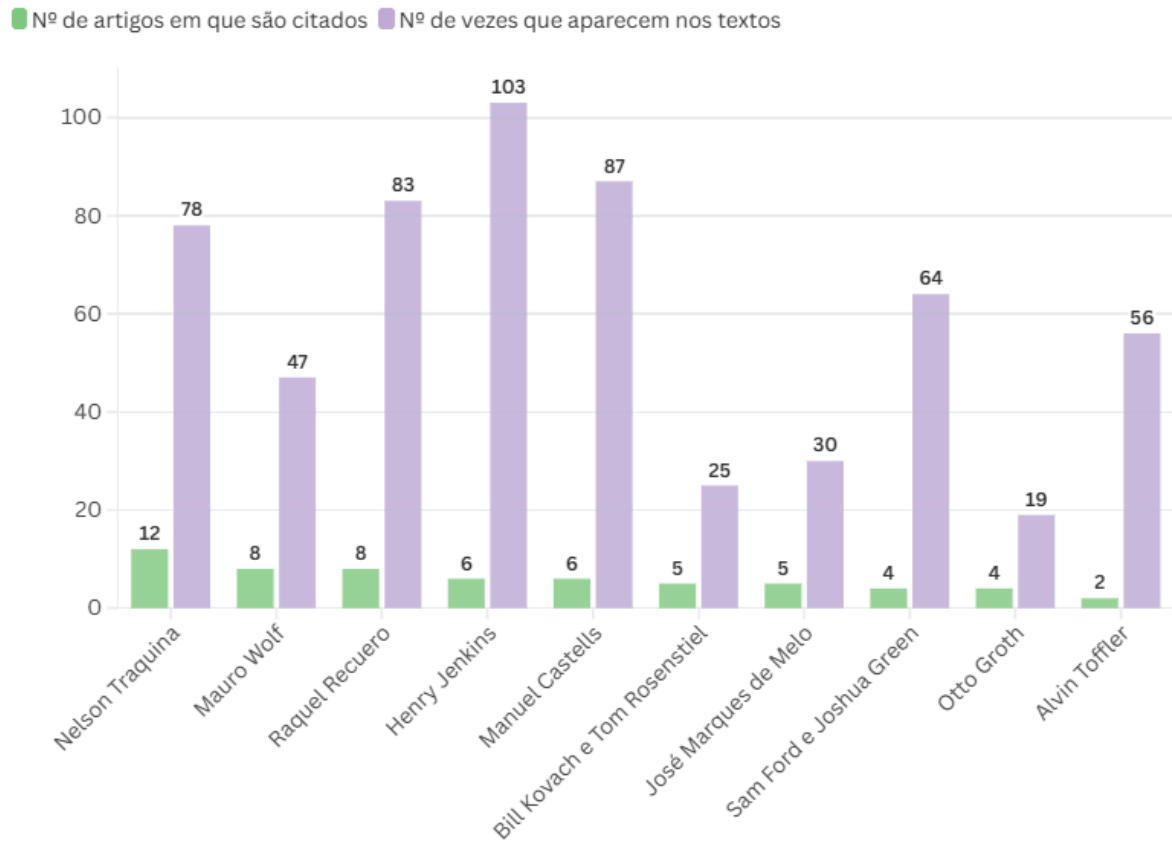
Esse buraco de tempo entre pesquisas que estabelecem um conceito do tema é, ao nosso ver, bastante justificável. Isso porque, se olharmos para o conceito de periodicidade relacionado ao jornalismo impresso, ele é pouco mutável e/ou variável e, assim, esgotável em termos de discussão. Pode ser essa a explicação para os anos sem debates sobre o assunto e,

da mesma forma, para a volta do tema simultaneamente a chegada da era digital. Dito anteriormente, a era digital, bem como as redes sociais, desafiam a ideia de periodicidade dentro do jornalismo, fazendo válidas novas pesquisas, discussões e debates sobre o tópico.

Outra possibilidade que conquistamos ao organizar os resultados da nossa pesquisa por ano de publicação, de forma cronológica crescente, é uma melhor percepção de como o conceito de periodicidade no jornalismo foi mudando ao longo do tempo. Essa interpretação tem limitações e sofreu alguns prejuízos quando notamos que alguns estudos científicos, apesar de publicados dentro da nossa delimitação de tempo, falam sobre um outro momento da história. Em suma, analisamos produções de 2015 que falam sobre o jornalismo entre os anos 1930 e 1945. Não obstante, ainda foi possível olhar para questões importantes, como a evolução da discussão sobre o conceito de periodicidade para além da noção acerca do jornalismo impresso. Ao longo dos anos, as pesquisas se aprofundam mais no tema e tentam achar soluções para uma boa definição de periodicidade no jornalismo mesmo em meio a loucura das redes sociais. Faremos uma análise mais aprofundada a respeito dessa mudança no próximo item deste trabalho.

Finalmente, verificamos em todos os resultados obtidos quem são os autores mais citados. Essa é uma observação importante, que pretende identificar quem são as referências acerca não só do tema em questão, mas também dos assuntos relacionados. Abaixo é possível visualizar quais são os autores mais citados nos estudos científicos, bem como a quantidade de trabalhos em que são citados e ainda a quantidade de vezes que aparecem ao longo de todos os textos.

Figura 5 – Gráfico em relação aos autores mais citados



Fonte: Elaborada pela autora (2024).

Nelson Traquina, professor e jornalista estadunidense, é citado em 12 produções, o equivalente a 52% dos resultados selecionados. Nos textos analisados, ele é referência em noções de “valor de notícia”, especialmente “valor de notícia” no âmbito das redes sociais. Esse é um assunto bastante discutido em paralelo com o conceito de periodicidade jornalística depois da era digital, já que ambos os significados foram afetados devido a nova forma de consumo.

Em seguida aparecem Mauro Wolf e Raquel Recuero, ambos citados em oito diferentes obras. Wolf é autor de um livro importante chamado “Teoria das comunicações de massa”, o qual aborda não só os pilares do jornalismo (aqui incluso a periodicidade), como também os meios de comunicação de massa, tal qual as mídias digitais. Recuero, por sua vez, foca ainda mais nos aspectos relacionados às redes sociais e como elas afetam o consumo de notícias.

Citados em seis estudos científicos cada, Henry Jenkins e Manuel Castells aparecem, por vezes, associados aos impactos da era digital no jornalismo e na comunicação. Embora relacionados, ambos possuem suas particularidades. Jenkins é conhecido por suas pesquisas que abordam a mídia e a cultura participativa. Já o sociólogo espanhol aborda o que já vimos neste trabalho como quarta fase do capitalismo, o Capitalismo Informacional. Castells também desenvolveu teorias sobre a “sociedade em rede”, que é comumente citada em pesquisas que falam sobre mídias digitais.

Bill Kovach e Tom Rosenstiel são referenciados juntos em cinco trabalhos devido a sua obra em conjunto, intitulada “Os elementos do jornalismo: o que os jornalistas devem saber e o público exigir”. Como o nome já diz, o livro discute diversos princípios do jornalismo, incluindo a periodicidade e a checagem de fatos. Também citado em cinco diferentes textos, José Marques de Melo é conhecido, entre outras coisas, por ser o primeiro doutor em jornalismo com título recebido por uma universidade brasileira. Ele é referenciado durante a discussão sobre diversos temas bases do jornalismo, como pesquisa jornalística, contexto histórico do jornalismo no Brasil, gêneros jornalísticos, periodicidade e outros elementos essenciais do jornalismo.

Na sequência temos Sam Ford e Joshua Green, que são citados quatro vezes por sua obra em conjunto com um autor já comentado aqui, o Jenkins. Juntos, os três escreveram o livro “Cultura da Conexão: Criando valor e significado por meio da mídia propagável”, que discute, entre outras coisas, as mudanças na relação do público com os conteúdos criados, bem como as transformações na audiência e engajamento de produtos jornalísticos causadas pelas redes sociais. Também mencionado e citado em quatro estudos científicos, temos Otto Groth. Groth fala sobre os pilares do jornalismo e é um dos pioneiros no debate sobre o conceito de periodicidade jornalística.

Por fim, citado em dois estudos científicos, também ressaltamos Alvin Toffler. O novaiorquino é referência quando o assunto é o impacto das tecnologias na sociedade. Sua menção aqui é importante porque, além de ter seu nome citado mais de 50 vezes ao longo das duas obras, ele corrobora com a ideia das transformações causadas em diversos âmbitos advindas das tecnologias e da aceleração da sociedade, assunto por muitas vezes comentado neste trabalho.

Podemos dizer que esses foram os principais panoramas observados, comparados e levantados ao longo da pesquisa. Contudo, diversos trabalhos trazem reflexões individuais que não podem ser comparadas com outras visões, mas que também são importantes e que, certamente, serão apresentadas ainda neste trabalho, ao longo dos itens de conclusão.

4.3 ANÁLISE DOS RESULTADOS

Ao dar continuidade no roteiro RBS *Roadmap* sugerido por Conforto, Amaral e Silva (2011), chegamos na última fase, a “3. Saída”. Nela estão previstas quatro etapas que, novamente, salvo pequenas adaptações, serão seguidas neste trabalho.

O primeiro passo da terceira fase consiste em “3.1 Alertas”. Aqui, os autores ressaltam a importância de mapear os principais estudos científicos encontrados para a área de estudo. Colocando em prática esta ideia, vamos destacar dois dos resultados obtidos na pesquisa. O primeiro a ser ressaltado é o artigo de Lia Seixas, publicado em 2013 com o título “Teorias de jornalismo para gêneros jornalísticos”. Por se tratar de uma pesquisa mais geral sobre jornalismo, o texto traz um conceito claro sobre o nosso objeto de pesquisa, assim como outros aspectos importantes sobre o jornalismo, que ajudam a refletir a ideia de periodicidade. A autora corrobora com a ideia sugerida por Groth (2011) acerca da periodicidade. Para eles, a palavra inserida no jornalismo diz respeito a mais do que a constância de publicações e a relação com o tempo. Periodicidade está diretamente ligada a identidade do meio em questão.

Mesmo um site noticioso, determinado pela atualização contínua, portanto, sem periodicidade no sentido da constância, é dotado da periodicidade identidade, por que: 1) pode ter diferentes periodicidades para diferentes composições, seções e produtos como blogs ou infográficos; e 2) a continuidade da atualização é sua identidade de “site noticioso”, diferentemente de um especial, de uma revista eletrônica, de um blog (Seixas, 2013, p. 169).

O segundo material a ser destacado é o artigo de Roseli Figaro e Claudia Nonato. Este é o principal resultado da busca e que traz diversas reflexões. Publicado em 2021 com o título “Ainda Existe Periodicidade no Jornalismo? O Regime de Publicação na Lógica do Processo Produtivo do Jornalismo Digital”, o artigo possui a ideia de periodicidade como principal objeto de pesquisa. As autoras evidenciam a dificuldade de estabelecer um conceito de periodicidade jornalística dentro das ideias já conhecidas e sugerem uma opção à palavra. Figaro e Nonato argumentam que consideram mais assertivo a utilização do termo “regime de publicação”. A proposta delas se apoia na percepção de que o termo sugerido abrange todo o processo editorial, incluindo práticas autorais, edição e circulação. Enfatizam, ainda, que o “regime de publicação” não é determinado apenas pelo meio em si, mas é moldado pelas condições de produção, incluindo escolhas editoriais, disponibilidade de recursos e a dinâmica da circulação online. Essa ideia é estimulada pelo que Figaro e Nonato concluem um pouco antes, que “a noção de tempo como periodicidade, ou seja, tempo estruturado e

demarcado, não existe mais no online na mesma medida dos processos analógicos. Não temos diários, vesperinos, mensários, semanários” (2021, p. 6).

Após identificados os principais resultados da busca, partimos para a próxima etapa. Em “3.2 Cadastro e Arquivo”, os autores sugerem a utilização de ferramentas para armazenar, compartilhar e analisar os estudos científicos selecionados. A proposta de compartilhamento dos materiais obtidos é para o caso de haver mais de um participante na pesquisa, cenário que não se aplica neste trabalho. O restante das recomendações, como armazenar, analisar e fazer anotações foi cumprido utilizando ferramentas de preferência própria.

O passo “3.3 Síntese e resultados” é, talvez, o mais aguardado. Este é o momento de pôr no papel as principais ideias concluídas ao longo da pesquisa. Colocando a presente etapa em prática, podemos adiantar que uma das conclusões diz respeito às definições de periodicidade como um dos pilares do jornalismo. Esta é, provavelmente, uma das únicas constantes em todos os trabalhos. Independente do conceito ou visão sobre o tema trazido pelos textos, todos eles elencaram a periodicidade como um dos aspectos caracterizadores do jornalismo.

Também foi possível perceber que, apesar de irregularidades de publicações, grande parte dos estudos científicos relacionou periodicidade com ritmo e/ou velocidade, seja ela lenta ou rápida. Estas produções que colocam periodicidade jornalística no mesmo nicho de velocidade também são os que discutem as consequências desse conceito, especialmente depois das redes sociais, mas não somente. Desde as publicações em jornais impressos, o ritmo e frequência já eram uma questão alarmante. Diversos autores chamaram atenção para o fato de que priorizar publicações rápidas poderia prejudicar a qualidade e, até mesmo, a veracidade das produções jornalísticas.

Sem ter em conta o período da publicação, o jornalismo também foi frequentemente relacionado ao sistema de organização e economia capitalista. Neste cenário, vários pesquisadores apontaram a necessidade de adaptação do jornalismo na busca de parecer com qualquer outro produto para se encaixar e, até mesmo, conseguir se manter vivo, financeiramente falando.

Observamos, também, o quanto o termo “redes sociais” esteve presente nas discussões mais recentes e como a ideia das redes sociais desafia o jornalismo mas, principalmente, o conceito de periodicidade. Neste cenário, todo o vislumbre sobre periodicidade relacionada a publicações constantes, ritmadas e previsíveis, como diárias, semanais ou mensais, se torna inimaginável. Por isso, autoras como Figaro e Nonato propõem uma alternativa à ideia de periodicidade. O termo “regime de publicação” é mais completo e abriga não só o momento

em que a produção jornalística é veiculada, mas também todo o processo de produção, edição, identificação de recursos, etc. Esta é uma sugestão que foge da imprevisibilidade de publicações nas mídias sociais e põe em destaque fazeres jornalísticos que não são tão mutáveis quanto a frequência das publicações. Isso tornaria um dos pilares do jornalismo um pouco mais palpável na atualidade.

Outra percepção diz respeito aos anos onde o tema foi mais discutido. Confessamos que, neste aspecto, o resultado da pesquisa não é surpreendente. Desde o início do trabalho estamos relacionando o tema principal e a sua necessidade de discussão à aceleração da sociedade e à era digital. Esses são fatores mais percebidos recentemente e, por isso, faz sentido que as pesquisas acerca do nosso objeto de estudo também sejam datadas nos últimos anos.

Apesar de não nutirmos expectativas preliminares acerca dos principais autores referenciados nesta discussão, o levantamento desta perspectiva também não surpreende. São, em sua maioria, pesquisadores, professores e jornalistas bastante conhecidos e conceituados. Ainda, possuem obras analisadas não só em relação a periodicidade, mas também a outros fundamentos importantes e contemporâneos do jornalismo. Em nossa pesquisa, definimos por analisar somente produções científicas brasileiras e em português a respeito do tema. Isso proporcionava, ao nosso ver, um resultado bastante favorável em relação a autores brasileiros sendo referenciados. Neste quesito a análise surpreendeu. Dos 12 autores mais citados nos estudos científicos selecionados, somente dois eram brasileiros.

Para terminar de compor o passo “3.3 Síntese e resultados”, vamos apresentar a principal perspectiva de toda a nossa pesquisa, que é como o conceito de periodicidade vai mudando ao longo do tempo nos trabalhos analisados. Quando olhamos para o Quadro 2 e Quadro 3 e refletimos sobre o primeiro e último artigos ali contidos, a percepção é que os pesquisadores pouco avançaram com relação ao termo, ou ainda, que este pouco se modificou ao longo de duas décadas. A primeira produção data do ano 2007 e foi resumida por nós como “uma perspectiva do jornalismo impresso, [...] que traz a visão de periodicidade diretamente relacionada à frequência das publicações”. Em relação ao último artigo dos quadros, sua publicação foi feita em 2022 e teve a ideia principal entendida por nós como sendo: “a cadência diária é central para a identidade do boletim e seu valor proposto aos leitores, o que mostra o conceito de periodicidade atrelado à identidade do veículo”.

Apesar de trazer uma visão minimamente mais ampla acerca da periodicidade jornalística, o último artigo, publicado 15 anos após o primeiro, ainda trata o conceito de periodicidade atrelado ao principal aspecto de possuir publicações frequentes. Essa é uma

ideia advinda do jornalismo impresso, que se assemelha muito com a proposta do artigo de 2007. É certo que, no artigo 23, para além da periodicidade jornalística associada ao tempo das publicações, a autora também enfatiza a relação do conceito com a identidade do veículo, mas, como nosso trabalho já abordou, essa é uma visão que existe desde, no mínimo, os anos 1960, quando Groth fala sobre a periodicidade no jornalismo com esse mesmo olhar.

Apesar desta ser uma questão importante a se pensar, nós não limitamos a nossa percepção apenas ao primeiro e último artigos dos quadros. Um que chama bastante atenção é o artigo 22, publicado em 2021 e escrito por Roseli Figaro e Cláudia Nonato. Nós já destacamos esta produção no passo anterior, mas trazemos aqui, novamente, pois em termos de evolução acerca do conceito de periodicidade no jornalismo, “Ainda Existe Periodicidade no Jornalismo? O Regime de Publicação na Lógica do Processo Produtivo do Jornalismo Digital” é o trabalho que mais se destaca. Nele, as autoras não só elevam o nível do debate, como evidenciam as mudanças contemporâneas causadas pela era digital e propõem uma nova ideia em relação ao tema. Falaremos mais sobre a sugestão das autoras na conclusão deste trabalho.

Ainda que o conceito de periodicidade jornalística tenha mudado pouco ao longo desses 20 anos analisados, é importante destacar que 12 dos 23 resultados apontam os desafios trazidos pelas redes sociais para este fundamento do jornalismo. Contudo, apesar de enfatizarem que não se pode mais pensar em periodicidade jornalística da mesma forma como esta era entendida no jornalismo impresso, com exceção de Figaro e Nonato, nenhum outro trabalho traz uma solução, saída ou definição precisa acerca do tema no contexto atual.

Com a síntese e resultados apresentados, como também com a promessa de mais considerações na conclusão deste trabalho, partimos então para o último passo da RBS *Roadmap* sugerida por Conforto, Amaral e Silva (2011). Na etapa “3.4 Modelos teóricos”, os autores preveem, entre outras coisas, a comparação das hipóteses pré-definidas com os resultados obtidos durante a pesquisa. Apesar de não terem sido estabelecidas hipóteses claras antes da execução da pesquisa, algumas percepções pessoais foram motivadoras da escolha do tema. A principal delas era a sensação de que notícias são veiculadas a todo momento, rápido demais, com pouco cuidado e com a qualidade prejudicada. Neste ponto, os estudos científicos analisados corroboram, até demais, com essa visão. Isso porque, essa é uma questão desde antes das redes sociais, noção desconhecida pela autora e obtida apenas depois da pesquisa.

Evidenciada uma das hipóteses corroboradas, consideramos importante apresentar, também, um pensamento pré-definido que acabou sendo refutado com o resultado da

pesquisa. Imaginávamos que, por serem referências na discussão de teorias do jornalismo e falarem sobre os aspectos da periodicidade jornalística, autores como Otto Groth e Adelmo Genro Filho estariam na lista dos mais citados. Groth, por sua vez, até aparece na lista, mas em uma posição de menos destaque, que não era esperada previamente. Genro Filho sequer aparece nessa lista. Suas ideias são apresentadas de forma tímida pelos autores dos textos. Apesar de ter sido citado em quatro trabalhos da revisão, ele recebe uma ou duas menções em cada um desses trabalhos, o que não o caracteriza como um dos escritores mais citados de nenhuma das produções.

Finalmente, ao concluir a Revisão Bibliográfica Sistemática proposta desde o início, adquirimos uma visão mais clara e assertiva sobre o assunto debatido. Acreditávamos que, assim como o jornalismo precisou se adaptar às mudanças da sociedade, o conceito de periodicidade no jornalismo também teria se alterado ao longo do tempo. É sim verdade quando olhamos para os resultados que indicam as mudanças causadas pelas mídias digitais acerca do tema. Ainda assim, consideramos poucos os trabalhos que levantam essa discussão de forma mais aprofundada ou que trazem um olhar crítico. Nos surpreendeu negativamente a quantidade de produções que ainda tratam a periodicidade jornalística com o olhar simplista que diz respeito apenas a frequência de publicações, diversas vezes atrelada ao jornalismo impresso. Concluimos que este é um tema ainda em aberto, com inúmeras vertentes a serem exploradas, bem como um termo a ser, ainda, conceituado de forma mais clara, precisa e concreta.

5 CONCLUSÃO

Instigado pela percepção pessoal de alterações no fazer jornalístico advindas do modo de vida contemporâneo e acelerado no qual estamos, não só nós seres humanos inseridos, mas também o jornalismo, este trabalho buscou, desde o início, entender como essa aceleração afeta um dos pilares da profissão. O principal objeto de pesquisa, a periodicidade, foi definido justamente por entendermos que, de certa forma, esse é um conceito relacionado, por diversas vezes, com tempo, velocidade e frequência. Assim, definimos como problema de pesquisa e pergunta norteadora: “Como o conceito de periodicidade se apresenta nos estudos em Jornalismo de 2002 a 2022 em trabalhos científicos brasileiros?”.

Ao concluir a pesquisa, essa e outras questões foram, ao menos, parcialmente sanadas. Em relação a alteração do conceito de periodicidade nos estudos em jornalismo em trabalhos científicos brasileiros de 2002 a 2022, podemos afirmar que, de fato, a evolução do tempo, que trouxe junto consigo novas tecnologias e, principalmente, a era digital, não só modificaram o conceito de periodicidade no jornalismo, como também trouxeram à tona, novamente, essa questão. Os desafios propostos pelas redes sociais na noção tradicional de periodicidade jornalística são tão grandes que, diversos autores voltaram a falar sobre a questão, assim como começaram a pensar em soluções que pudessem definir melhor esse aspecto.

Nesse cenário, julgamos como contribuição mais relevante o artigo “Ainda Existe Periodicidade no Jornalismo? O Regime de Publicação na Lógica do Processo Produtivo do Jornalismo Digital”, escrito por Roseli Figaro e Claudia Nonato. As autoras ressaltam as dificuldades e contradições trazidas pelas mídias digitais acerca da periodicidade no jornalismo e propõe que uma forma mais precisa de olhar para essa questão seria a partir da perspectiva de “regime de publicação”. Isso porque, inserida na ideia deste termo está “a sistemática que envolve todo o processo editorial e ao qual a função-autor está de certa maneira vinculada” (Figaro; Nonato, 2021, p. 8). Ainda, a noção de “regime de publicação” também mantém, além de uma alternativa viável ao conceito de periodicidade, os aspectos relacionados à atualidade no jornalismo, que é considerado pela maioria dos autores como conceito indispensável.

Uma limitação na teoria de Figaro e Nonato é a falta de debate em relação aos desafios trazidos pelas mídias digitais também no conceito de “regime de publicação”. É fato que as pesquisadoras conseguiram trazer uma boa solução para a instabilidade da noção de periodicidade no jornalismo. Entretanto, as mídias sociais, a aceleração da sociedade e as

novas formas de produção também desafiam o processo editorial, bem como a função-autor, colocando-os em cenários de pressão que não eram tão comuns antes. Logo, apesar de ser um termo mais sólido do que a maioria dos conceitos acerca de periodicidade, a noção de “regime de publicação” também é afetada na contemporaneidade e merece ser discutida. Apesar de ser uma proposta eficaz na solução do problema, nos parece ser uma saída lateral ou alternativa, que não desbrava, a fundo, a objeção. Do ponto de vista em que o ritmo exacerbado de produção é o real problema e as controversas no conceito de periodicidade são a consequência, podemos concluir que as autoras amenizaram os danos, mas não resolveram a real questão. É claro que não era esperada uma proposta de mudança em todo um sistema econômico que já se consolidou há anos atrás, mas acreditamos que chamar a atenção para essa questão e evidenciar que, talvez, esse seja o real problema, não só é importante como traz mais credibilidade para as conclusões e soluções.

Para além da reflexão em torno da proposta trazida pelas jornalistas, os resultados da revisão bibliográfica sistemática também nos levaram a outros levantamentos. Concluímos que, em sua maioria, as definições em relação ao conceito de periodicidade no jornalismo são pouco precisas e, por vezes, seguem ligadas ao jornalismo impresso, o que configura uma visão limitada e, de certa forma, defasada.

Essa é uma percepção que surpreende, já que desde o início das discussões, a periodicidade jornalística era tida como um aspecto para além da relação com o tempo e a frequência de publicações, sendo considerada uma base para a identidade dos veículos ou meios de comunicação. Essa é a ideia trazida por Groth (2011), um dos pioneiros no debate deste tema. O que queremos dizer é que todos os estudos científicos analisados já disponibilizavam da possibilidade de pesquisa sobre essa visão mais ampla sugerida por Groth e, ainda assim, se limitaram a pensar na periodicidade no jornalismo como algo relacionado apenas a frequência de publicações.

Partindo dessa perspectiva, afirmamos que se fazem válidas mais pesquisas acerca do tema. Existem, ainda, diversos aspectos a serem explorados quando o assunto é periodicidade jornalística. Há espaço até para desenvolvimento de noções primárias, como produção de mais conteúdos que tragam um conceito sólido sobre periodicidade no jornalismo.

Dizemos isso porque, uma das noções primárias que possuíamos e que foi corroborada pela pesquisa, é que a periodicidade é um dos fundamentos do jornalismo. Desta forma, seu entendimento completo facilitaria em todos os aspectos do saber e do fazer jornalístico. Deixamos a provocação de que, como um dos pilares de nossa área, a ideia de periodicidade

no jornalismo merece mais atenção, discussão e clareza sobre sua importância e influência, bem como sobre as mudanças que vem sofrendo.

Consideramos condizentes com o cenário todos os capítulos de contextualização. De fato, as mudanças a respeito da periodicidade jornalística se dão, direta e indiretamente, pela aceleração da sociedade. Desta forma, as noções históricas de organização do ocidente, apresentadas por meio de informações sobre a Revolução Industrial e o Capitalismo, se fazem relevantes para a melhor compreensão da proposta deste trabalho. Por fim, ressaltamos também a era digital e, com ela, as redes sociais, que foram percebidas por esta pesquisa como as verdadeiras desafiadoras da noção de periodicidade no jornalismo.

REFERÊNCIAS

ACCURATE SOFTWARE. **A História e Evolução do Jornal no Brasil: Entenda mais como iniciou essa história.** Disponível em:

<https://blog accuratesoftware.com.br/a-historia-de-como-iniciou-o-jornal-no-brasil/>. Acesso em: 12 nov. 2024.

AGÊNCIA BRASIL. **Cem anos do rádio no Brasil: as transformações do radiojornalismo.** Disponível em:

<https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2022-08/cem-anos-do-radio-no-brasil-transformacoes-do-radiojornalismo>. Acesso em: 21 nov. 2024.

AMARAL, Maria Cristina Guimarães Rosa do. **Deslocamentos de sentido e de narrativas na recirculação da notícia nas redes sociais:** Um estudo da página Caneta Desmanipuladora. Dissertação de Mestrado (Programa de Pós-Graduação Em Mídia e Cotidiano - PPGMC) – Instituto de Arte e Comunicação Social, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2019. 137 p.

ÁVILA, Éverton Gonçalves de. **A era informacional:** Velocidade, tempo e informação na construção da subjetividade contemporânea. Tese (Programa de Pós-Graduação em Educação Doutorado) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1999. 174 p.

BARBOSA, Suzana. Modelo Jornalismo Digital em Base de Dados (JDBD) em Interação com a convergência jornalística. **In: Souza Filho et al. GJOL 20 anos:** trajetória da pesquisa na pós-graduação. Salvador : EDUFBA, 2020.

BARCELLOS, Mariana Roosevelt de. **Newsletter diária como ferramenta de "mediação qualificada" em jornalismo:** uma análise do Canal Meio. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Jornalismo) – Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2022. 67 p.

BEZERRA, Adrielle Pereira. **Onde tem tiroteio:** Novos critérios de noticiabilidade nas redes sociais. Monografia (Graduação em Comunicação Social / Jornalismo) – Escola de Comunicação, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017. 55 p.

BRASIL PARALELO. **Fases do Capitalismo: uma análise histórica das mudanças no sistema econômico mundial.** Disponível em:

<https://www.brasilparalelo.com.br/artigos/fases-do-capitalismo>. Acesso em: 31 out. 2024.

BRASIL PARALELO. **O que é Capitalismo Financeiro?.** Disponível em:

<https://www.brasilparalelo.com.br/artigos/o-que-e-capitalismo-financeiro>. Acesso em: 1 nov. 2024.

BRAUDEL, F. **Civilização Material, Economia e Capitalismo:** Séculos XV-XVIII (Vol. 2). São Paulo: Martins Fontes, 1996.

CARDOSO, Marcelo de Oliveira. **Indústria 4.0**: a quarta revolução industrial. 2016. 43 f. Monografia (Curso de Especialização em Automação Industrial), Departamento Acadêmico de Eletrônica, Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Curitiba, 2016.

CASTELLS, Manuel. **A Era da Informação**: Economia, Sociedade e Cultura (Vol. 1: A Sociedade em Rede). São Paulo: Paz e Terra, 2000.

CASTELLS, Manuel. **A Galáxia da Internet**: Reflexões sobre a Internet, os Negócios e a Sociedade. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

CONFORTO, Edivandro Carlos; AMARAL, Daniel Capaldo; SILVA, S. L. D. **Roteiro para revisão bibliográfica sistemática**: aplicação no desenvolvimento de produtos e gerenciamento de projetos. VIII Congresso Brasileiro de Gestão de Desenvolvimento de Produto, Porto Alegre, v. 1, n. 1, p. 1-12, set./2011.

COSTA, Ruth Manuella de Brito; CARVALHO, Cristiane Portela de. **Jornalismo e redes sociais**: novas práticas e reconfigurações. Comunicação & Informação, Goiânia, Goiás, v. 24, 2021. doi: 10.5216/ci.v24.62507. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/ci/article/view/62507>.

DANE, F. **Research methods**. Brooks/Cole Publishing Company: California, 1990.

DALMONTE, E. F. Presente: o tempo do jornalismo e seus desdobramentos. **História**, São Paulo, v. 29, n. 1, p. 328–344, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/his/a/6BV69rFdjHZpwsPHM4nHbjy/>

EADBOX. **As 4 Fases do Capitalismo: uma análise detalhada**. Disponível em: <https://eadbox.com/as-4-fases-do-capitalismo-e-suas-caracteristicas/>. Acesso em: 31 out. 2024.

EDUCA MAIS BRASIL. **Como surgiu o Jornalismo: Conheça como o jornalismo passou a ser uma atividade na história e no Brasil**. Disponível em: <https://www.educamaisbrasil.com.br/cursos-e-faculdades/jornalismo/noticias/como-surgiu-o-jornalismo>. Acesso em: 12 nov. 2024.

FESTIVAL PATH. **Vivemos acelerados**. Disponível em: <https://www.festivalpath.com.br/post/vivemos-acelerados>. Acesso em: 6 nov. 2024.

FIGARO, Roseli; NONATO, Cláudia. **Ainda existe periodicidade no jornalismo?**: o regime de publicação na lógica do processo produtivo do jornalismo digital. 2021, Anais.. São Paulo: Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, 2021. Disponível em: <https://www.eca.usp.br/acervo/producao-academica/003071579.pdf>.

FIGARO, Roseli; NONATO, Claudia. Periodicidade não atende às rotinas produtivas online dos arranjos de trabalho de jornalistas. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, 2022, Vol 19, Issue 2, p7. Disponível em: <https://openurl.ebsco.com/EPDB%3Agcd%3A11%3A27708635/detailv2?sid=ebsco%3Aplink%3Ascholar&id=ebsco%3Agcd%3A162488126&crl=c>.

FRANCISCATO, Carlos Eduardo. **A fabricação do presente**: como o jornalismo reformulou a experiência do tempo nas sociedades ocidentais. São Cristóvão: Editora UFS, 2005.

FRANCISCATO, Carlos Eduardo. O jornalismo e a reformulação da experiência do tempo nas sociedades ocidentais. **SBPJor**, Sergipe, v. 11, n. 2, p. 96-123, nov./2014.

GIL, A. **Como elaborar projetos de pesquisa**. Atlas: São Paulo, 2007.

GOMES JR., P. P. Big Data e o consumo de notícias nas redes sociais. **Revista Gestão e Desenvolvimento**, [S. l.], v. 11, n. 1, 2014. DOI: 10.25112/rgd.v11i1.71. Disponível em: <https://periodicos.feevale.br/seer/index.php/revistagestaoedesenvolvimento/article/view/71>.

HAN, Byung-chul. **No enxame**: Perspectivas do digital. 1. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.

HARVEY, David. **A Condição Pós-Moderna**: Uma Pesquisa sobre as Origens da Mudança Cultural São Paulo: Loyola, 1992.

HARVEY, David. **A Loucura da Razão Econômica**: Marx e o Capital no Século XXI. 1. ed. São Paulo: Boitempo Editorial, 2018.

HASNAT, Mohammad Ofiul. Credibilidade das redes sociais online: aos olhos dos jornalistas profissionais finlandeses. **Comunicação e Sociedade**, Braga - Portugal, v. 25, n. 1, p. 202-219, jun./2014.

HISTÓRIA DO MUNDO. **Idade Contemporânea**. Disponível em: <https://www.historiadomundo.com.br/idade-contemporanea>. Acesso em: 25 set. 2024.

IDP. **A evolução do jornalismo**. Disponível em: <https://www.idp.edu.br/blog/ecom/a-evolucao-do-jornalismo/>. Acesso em: 12 nov. 2024.

JOGO, Daniela Filipa Pinho. **O impacto do jornalismo online na reconfiguração dos valores-notícia**: o caso do Jornal de Notícias. Relatório de Estágio (Mestrado em Ciências da Comunicação) – Área de especialização em Informação e Jornalismo, Universidade do Minho, Braga - Portugal, 2020. 89 p.

JORNAL DA USP. **Há 230 anos nascia o capitalismo**. Disponível em: <https://jornal.usp.br/atualidades/ha-230-anos-nascia-o-capitalismo/#:~:text=Eli%20da%20Veiga%20ressalta%2C%20no,com%20a%20forma%C3%A7%C3%A3o%20do%20proletariado..> Acesso em: 21 out. 2024.

KNEWITZ, Anna Paula; JACKS, Nilda. O jornalismo dos novos tempos e os novos tempos do jornalismo. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, Florianópolis, v. 7, n. 2, p. 390-402, ago./2010.

KOVACH, Bill; ROSENSTIEL, Tom. **Os Elementos do Jornalismo**: O Que os Jornalistas Deve Saber e o Público Esperar. 3. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2018.

LAGE, Nilson. **Conceitos de jornalismo e papéis sociais atribuídos aos jornalistas**. Pauta Geral - Estudos em Jornalismo, [S. l.], v. 1, n. 1, p. 20–25, 2013. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/pauta/article/view/6080>. Acesso em: 4 dez. 2024.

LANIER, J. **Dez Argumentos para Você Deletar Agora Suas Redes Sociais**. São Paulo: Intrínseca, 2018.

LEAL, M. D. J. D. R.; SOUZA, R. M. V. D. A Concepção de Imprensa Brasileira no Século XX: A visão de Rui Barbosa, Danton Jobim, Luiz Beltrão e Carlos Lacerda. **Revista Parágrafo**, Virtual, v. 1, n. 2, p. 54-67, nov./2013.

LIMA, Barbara Arantes Lares. **A aceleração do tempo na era digital**: Causas e consequências do consumo informacional em uma sociedade sintomática. 2023. Monografia (Pós-graduação lato sensu), Coordenadoria Geral de Especialização, Aperfeiçoamento e Extensão – COGEAE/PUC-SP, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2023. 42 p.

MAGNO, Ana Beatriz. **O jornalismo nos tempos da reportagem**: Uma análise da obra jornalística de Ernest Hemingway & Gabriel García Márquez. Tese de Doutorado (Programa de Pós-Graduação em Comunicação) – Faculdade de Comunicação, Universidade de Brasília, Brasília, 2014. 440 p.

MARTINS, Maithe Miranda Corrêa. **A presença do jornalismo na plataforma Instagram**. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Jornalismo) – Centro de Comunicação e Letras, Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2020. 75 p.

MATIAS, Ana Cristina Pinto. **Francisco Xavier Ferreira**: primórdios da imprensa rio-grandina. Dissertação de Mestrado (Pós-Graduação em Letras da Universidade) – Instituto de Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2014. 140 p.

MAZZUCHELLI, Frederico. **A contradição em processo**: O capitalismo e suas crises. 2. ed. Campinas, SP: Unicamp. IE, (Coleção Teses), 2004. 185 p.

MEDITSCH, Eduardo. **Jornalismo como Forma de Conhecimento**. Intercom - Revista Brasileira de Ciências da Comunicação, São Paulo, v. 21, n. 1, 2012. doi: 10.1590/rbcc.v21i1.956. Disponível em: <https://revistas.intercom.org.br/index.php/revistaintercom/article/view/956>.

MIELNICZUK, Luciana. **Sistematizando alguns conhecimentos sobre jornalismo na web**. Trabalho apresentado no XII Congresso da Compós. Recife, 2003. Disponível em: http://www.compos.org.br/data/biblioteca_1000.PDF.

MIRANDA, Gustavo Lima de. **A história da evolução da mídia no Brasil e no mundo**. 2007. Monografia (Curso de Comunicação Social), Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas, Universitário de Brasília – UniCEUB. Brasília, 2007. 43 p.

MOREIRA, Mayume Caires; SILVA, J. B. L; ÁVILA, G. N. D. A (in)observância da presunção de inocência pela mídia: Uma análise dos meios de comunicação televisivos da cidade de Maringá - PR. **XI EPCC**, Anais Eletrônico, p. 1-12, out./2019.

MORETZSOHN, Sylvia. **Jornalismo Em Tempo Real**: O fetiche da velocidade. 2. ed. Rio de Janeiro: Revan, 2012.

MULROW, C.D. Systematic reviews rationale for systematic reviews. **British Medical Journal**, v.309, pp.597–599, 1994.

MUNDO EDUCAÇÃO. **Capitalismo**. Disponível em:
<https://mundoeducacao.uol.com.br/historiageral/capitalismo.htm>. Acesso em: 21 out. 2024.

MUNARO, Luís Francisco. A articulação de jornalismo e espaços públicos na Ilustração Inglesa. **In: Revista Compólitica** 5 (1), 2015.

NUNES, Ana Elisa Coelho. **Jornalismo Superinteressante**: Valores, rotinas e tradução. Monografia (Graduação em Jornalismo) – Faculdade de Comunicação, Universidade de Brasília, Brasília, 2011. 190 p.

OLIVEIRA, Felipe Moura de. **A semiose da notícia em ambiente de crise**: Movimentos em rede e mediação na semiosfera contemporânea. Tese de Doutorado (Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação) – Unidade Acadêmica de Pesquisa e Pós-Graduação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2016. 206 p.

OLIVEIRA, Raianne Pereira de. **A imprensa sergipana e as notícias do Brasil Cultural no período Vargas**. Artigo de graduação (Licenciatura em História) – Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2015. 23 p.

OLIVEIRA, Sofia Luisa Moutinho de. **Notícias embargadas**: Um estudo de caso do impacto dos periódicos científicos Science e Nature na produção do jornalismo brasileiro on-line sobre ciência. Monografia (Bacharelado em Jornalismo) – Escola de Comunicação, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011. 57 p.

ORMAY, L. . Capitalismo informacional: fim da era industrial?. **In: XXIII Encontro Nacional de Economia Política**, 2018, Niterói. XXIII ENEP: Crise, austeridade e luta de classes: o Brasil em um beco sem saída, 2018.

PAULA, Caio Mateus Teruel de. **As notícias na sociedade da aceleração social do tempo**. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFMS) – Faculdade de Artes, Letras e Comunicação, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2022. 121 p.

PERIODICIDADE. **In: Aulete Digital. Lexikon Editora Digital**, 2024. Disponível em:
<https://www.aulete.com.br/periodicidade>. Acesso em: 13/11/2024.

PERIODICIDADE. **In: Michaelis, Dicionário Brasileiro de Língua Portuguesa**. Editora Melhoramentos Ltda., 2024. Disponível em:
<https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/periodicidade/>. Acesso em: 13/11/2024.

PERIODICIDADE. **In: Priberam, Dicionário**. Priberam Informática S.A, 2024. Disponível em: https://dicionario.priberam.org/periodicidade#google_vignette. Acesso em: 13/11/2024.

POLITIZE!. **A origem do sistema capitalista**. Disponível em:
<https://www.politize.com.br/sistema-capitalista-origem/>. Acesso em: 21 out. 2024.

PONTES, F. S. **O conceito de ideologia na teoria do jornalismo de Adelmo Genro Filho**. Galaxia (São Paulo, Online), n. 32, p. 151-162, ago. 2016.

PONTO DESIGN. **A Era Digital: Uma Exploração de sua Origem e Impacto**. Disponível em: <https://pontodesign.com.br/a-era-digital/>. Acesso em: 6 nov. 2024.

PORTAL DA COMUNICAÇÃO. **Os impactos dos algoritmos na produção e distribuição de notícias**. Disponível em: <https://portaldacomunicacao.com.br/2023/07/os-impactos-dos-algoritmos-na-producao-e-distribicao-de-noticias/>. Acesso em: 6 nov. 2024.

PORTAL IMPRENSA. **De como o telégrafo revolucionou a imprensa**. Disponível em: <https://portalimprensa.com.br/opiniaopinia/665/de+como+o+telegrafo+revolucionou+a+imprensa#:~:text=Jornais%20liberais%2C%20conservadores%2C%20ou%20republicanos,era%20do%20que%20um%20Tag..> Acesso em: 12 nov. 2024.

PRAZERES, Michelle; RATIER, Rodrigo. O fake é fast?: Velocidade, desinformação, qualidade do jornalismo e media literacy. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, Florianópolis, v. 17, n. 1, p. 86-95, abr./2020.

PRONI, Marcelo Weishaupt. História do capitalismo: uma visão panorâmica. **Cadernos do CESIT**, Campinas, v. 1, n. 1, p. 1-39, out./1997.

RASÊRA, Marcella. Jornalismo digital: do boom aos dias atuais. Uma reflexão sobre a necessidade da convergência de meios decorrente da mudança de hábitos de consumo da notícia. **Ícone**, Pernambuco, v. 12, n. 1, p. 1-9, ago./2010.

REIS, Kleiton Luiz Nascimento. **Crêterios de seleção de notícias em redes sociais na internet**: Um estudo do perfil noticioso da *Folha de S. Paulo* no Facebook. Dissertação de Mestrado (Programa de Pós-Graduação em Jornalismo) – Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015. 199 p.

RGB. **História do Jornalismo na internet**. Disponível em: <https://rgb.com.br/historia-do-jornalismo-na-internet>. Acesso em: 29 nov. 2024.

ROCHA, Bruno Everton Bezerra da. **Versus**: Páginas para ler em dias de Sol. Dissertação de Mestrado (Pós-Graduação em História Econômica) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Departamento de História, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019. 165 p.

ROCKCONTENT. **Conheça a história da Internet, sua finalidade e qual o cenário atual**. Disponível em: <https://rockcontent.com/br/blog/historia-da-internet/>. Acesso em: 6 nov. 2024.

RODRIGUES, Horácio Wanderlei; BECHARA, Gabriela Natacha; GRUBBA, Leilane Serratine. **Era digital e controle da informação**. Revista Em Tempo, [S.l.], v. 20, n. 1, nov. 2020. ISSN 1984-7858. Disponível em: <https://revista.univem.edu.br/emtempo/article/view/3268>. Acesso em: 04 nov. 2024. doi: <https://doi.org/10.26729/et.v20i1.3268>.

ROESLER, Rafael. Web 2.0, interações sociais e construção do conhecimento. **VII SIMPED, Virtual**, v. 1, n. 1, p. 1-10, jun./2021.

ROMANI, Carlo; SCIARRETTA, Massimo. Idade Contemporânea I. 1. ed. Rio de Janeiro: **Fundação Cecierj**, 2011. p. 1-300.

SEIXAS, Lia. Teorias de jornalismo para gêneros jornalísticos. **Galáxia**. (São Paulo, Online), n. 25, p. 165-179, jun. 2013.

SILVA, Bianca Peixoto Moura da. **Como a geração digital consome jornalismo**. Monografia (Graduação em Comunicação Social / Jornalismo) – Escola de Comunicação, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016. 74 p.

SOLL, Julia do Canto. **Um estudo acerca de qualidade no produto jornal digital e respectivas competências profissionais**. Dissertação de Mestrado (Pós-Graduação Mestrado Profissional em Engenharia de Produção) – Escola de Engenharia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017. 126 p.

SOUSA, Jorge Pedro. Uma história breve do jornalismo no Ocidente. In: **SOUSA, Jorge Pedro (Org.), Jornalismo: história, teoria e metodologia da pesquisa**. Porto: Edições Universidade Fernando Pessoa, 2008. p. 12-93.

SOUSA, Máira de Cássia Evangelista de. **A dinâmica da notícia nas redes sociais na internet**. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013. 286 p. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/122790/323516.pdf>.

SOUZA, Alice Cristiny Ferreira de. **Aplicativo Verific.AI: Automatização de checagem de links de notícias no combate ao ecossistema da desinformação**. Dissertação de Mestrado (Profissional em Indústrias Criativas) – Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação, Universidade Católica de Pernambuco, Recife, 2019. 156 p.

STIGLITZ, Joseph E. **O Preço da Desigualdade**. Rio de Janeiro: Bertrand, 2013.

STOQUE. **Era Digital: conheça importância das mudanças para a sua organização**. Disponível em: <https://stoque.com.br/abaris/era-digital/>. Acesso em: 6 nov. 2024.

STRELOW, Aline do Amaral Garcia. **Análise global de periódicos jornalísticos (AGPJ): Uma proposta metodológica para o estudo do jornalismo impresso**. Tese de Doutorado (Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social) – Faculdade de Comunicação Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007. 395 p.

TECMUNDO. **Como tudo começou: a história da internet no Brasil**. Disponível em: <https://www.tecmundo.com.br/mercado/129792-tudo-comecou-historia-internet-brasil-video.htm>. Acesso em: 6 nov. 2024.

TUFEKCI, Zeynep. **Twitter and Tear Gas: The Power and Fragility of Networked Protest**. New Haven: Yale University Press, 2017.

TURKLE, S. **Alone Together: Why We Expect More from Technology and Less from Each Other**. New York: Basic Books, 2011.

UNIME. **O que é o capitalismo informacional e como vem afetando o mercado?**.

Disponível em: <https://blog.unime.edu.br/capitalismo-informacional/>. Acesso em: 4 nov. 2024.

UOL. **Capitalismo**. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/historiag/capitalismo.htm>.

Acesso em: 21 out. 2024.

VAN DIJK, Teun A. **Discurso e Poder: Uma Análise Crítica do Discurso**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2014.

VICENTE, Maximiliano Martin. **História e comunicação na ordem internacional** [online].

São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009. 214 p. ISBN

978-85-98605-96-8. Disponível em: SciELO Books

<https://static.scielo.org/scielobooks/b3rzk/pdf/vicente-9788598605968.pdf>.

WARDLE, Claire; DERAKHSHAN, Hossein. Desordem informacional: para um quadro interdisciplinar de investigação e elaboração de políticas públicas. **Council of Europe**, 2023.

Disponível em:

<https://edoc.coe.int/en/media/11609-desordem-informacional-para-um-quadro-interdisciplinar-de-investigacao-e-elaboracao-de-politicas-publicas.html> Acesso em: 11 nov. 2024.

XAVIER, Cintia; PONTES, Felipe Simão. **As características dos jornais como poder**

cultural: releituras da teoria do jornalismo proposta por Otto Groth. *Intercom - Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*, São Paulo, v. 42, n. 2, 2019. Disponível em:

<https://revistas.intercom.org.br/index.php/revistaintercom/article/view/3131>.

ANEXO A – DECLARAÇÃO DE ORIGINALIDADE E AUTORIA

DECLARAÇÃO DE AUTORIA E ORIGINALIDADE

Eu, Luana Roberta Goulart, aluno(a) regularmente matriculada no Curso de Jornalismo da UFSC (JOR/CCE/UFSC), matrícula 20203364, declaro para os devidos fins que o Trabalho de Conclusão de Curso intitulado "**Aceleração e era digital: o conceito de periodicidade na produção científica sobre Jornalismo no Brasil entre 2002 e 2022**" é de MINHA AUTORIA e NÃO CONTÉM PLÁGIO.

Estou CIENTE de que em casos de trabalhos autorais em que houver suspeita de plágio será atribuída a nota 0,0 (zero) e que, adicionalmente, conforme orientação da Ouvidoria e da Pró-Reitoria de Graduação (Prograd), "em caso de suspeita ou verificação de plágio, o professor deverá notificar o Departamento no qual está lotado para as providências cabíveis".

Autorizo a publicação do TCC no Repositório Digital da UFSC.

Florianópolis, 06 de dezembro de 2024

Assinatura

ANEXO B – FICHA DO TCC

FICHA DO TCC	Trabalho de Conclusão de Curso JORNALISMO UFSC		
ANO	2024.2		
ALUNO/A	Luana Roberta Goulart		
TÍTULO	Aceleração e era digital: o conceito de periodicidade na produção científica sobre Jornalismo no Brasil entre 2002 e 2022		
ORIENTADOR/A	Stefanie Carlan da Silveira		
MÍDIA	<input checked="" type="checkbox"/>	Impresso	
	<input type="checkbox"/>	Rádio	
	<input type="checkbox"/>	TV/Video	
	<input type="checkbox"/>	Foto	
	<input type="checkbox"/>	Website	
	<input type="checkbox"/>	Multimidia	
CATEGORIA	<input checked="" type="checkbox"/>	Pesquisa Científica	
	<input type="checkbox"/>	Produto Comunicacional	
	<input type="checkbox"/>	Produto Institucional (assessoria de imprensa)	
	<input type="checkbox"/>	Produto Jornalístico (inteiro)	Local da apuração:
	<input type="checkbox"/>	Reportagem livro reportagem ()	() Florianópolis (X) Brasil () Santa Catarina () Internacional () Região Sul País:
ÁREAS	Periodicidade jornalística; era digital.		
RESUMO	<p>Instigada pela aceleração da sociedade e pelos aspectos a ela relacionados, em destaque aqueles advindos da era digital, esta pesquisa tem como objeto de estudo a discussão teórica do conceito de periodicidade jornalística em artigos científicos publicados no Brasil entre os anos de 2002 e 2022. O objetivo geral consiste em identificar como o conceito de periodicidade se transformou nos estudos de Jornalismo durante o período preestabelecido. Para alcançá-lo, faz-se uma contextualização acerca das noções de velocidade e aceleração na sociedade contemporânea. Além disso, busca-se identificar alguns dos possíveis fatores e características responsáveis pela aceleração do jornalismo, especificamente, ao longo dos anos. Por fim, propõe-se uma Revisão Bibliográfica Sistemática (RBS) como método, utilizando o portal Oasisbr, dentro do período delimitado. Durante a revisão foram definidos critérios de inclusão e exclusão da amostra, que possibilitaram, como resultados, a identificação de quais autores mais são citados na discussão do tema, tal qual a percepção sobre como a periodicidade foi conceituada ao longo dos anos.</p>		